



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

CENTRO REGIONAL DAS BEIRAS

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

RENOVAR NA MODERNIDADE

*Relatório do trabalho final
apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para a obtenção do grau de mestre em Arquitectura*

Por

Pedro Nuno Afonso Dias Vieira

Novembro de 2013



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

CENTRO REGIONAL DAS BEIRAS

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

RENOVAR NA MODERNIDADE

*Relatório do trabalho final
apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para a obtenção do grau de mestre em Arquitectura*

Orientador: Professor Doutor António da Silva Ferreira de Carvalho

Co-orientador: Professor Doutor Gonçalo de Sousa Byrne

Por

Pedro Nuno Afonso Dias Vieira

AGRADECIMENTOS

A todos os docentes da Universidade Católica portuguesa-polo Viseu, departamento de arquitetura, que me acompanharam no meu percurso académico, pelas oportunidades, experiências e conhecimentos que me proporcionaram.

Ao Professor Doutor António da Silva Ferreira de Carvalho e ao Professor Doutor Gonçalo de Sousa Byrne, orientador e co-orientador, por toda a colaboração, disponibilidade e experiência incondicional prestada.

À minha mãe, não presente fisicamente, pelo amor incondicional e orgulho que teria por terminar o curso de arquitetura.

À minha esposa e pai, por todo incentivo, apoio, tolerância e dificuldade que tiveram para suportar esta etapa.

Aos amigos pela cooperação diária.

RESUMO

“Renovar na Modernidade”, título deste trabalho, faz a análise exaustiva da gestão urbana de um espaço vazio urbano em que a envolvente social e ambiental é muito complexa e com características específicas, mas com o seu encanto para a renovação urbana.

Na renovação urbana tem que haver uma preocupação constante na articulação entre a segurança, acessibilidade e harmonia. Deve ter em conta o mobiliário, a informação útil e a presença de elementos verdes ou de água, essenciais num bom habitar.

Para François Ascher (2012), no nono princípio do novo urbanismo, procura oferecer nos seus espaços públicos exteriores a qualidade equivalente dos espaços privados dos interiores.

Para agir no campo do urbanismo é essencial compreender as lógicas das relações da sociedade contemporânea que se encontra em processo contínuo de transformação a que François Ascher (2012) chama de “modernidade”.

A renovação do território de estudo, inclui a apresentação de uma prática que ultrapassa o meio envolvente, alargando-se à do arquiteto empenhado nas causas sociais e consequentemente no habitar com qualidade. Existe a preocupação e vontade de aproximar o público da arquitetura. É um estudo direcionado para as pessoas.

Na solução arquitetónica, o estímulo social funciona como fator compressor deste estudo, bem como a criação de espaços e ambientes inovadores que promovam o bem-estar e uma dinâmica de vivência social agradável.

Este estudo não trata apenas da modificação do espaço vazio urbano em edifícios, mas antes na procura de novos padrões de acessibilidade, de modo a proceder à melhor adaptação da sociedade em causa. A livre acessibilidade de todos é a base da vida cidadina e das relações sociais, dando condições de acesso e uso a todos, sem distinção de qualquer natureza.

Com este estudo concluímos que habitar com prazer é gerar soluções de projeto habitacional capazes de estimular o prazer de habitar.

Palavras -chave: Renovar; Acessibilidades e Habitar

ABSTRACT

“Modernity Renewing” is the title of this project which analyses exhaustively urban management in an open urban space where the social involvement and ambience is very complex with its specific characteristics but also with its charm, ideal for an urban renewal. In urban renewals there has to be a constant awareness in the articulation between security, accessibility and harmony. The accessibility, useful information and the elements present for water and green spaces for a good living space.

François Ascher (2012) in his ninth principle of new urbanism tries to offer in his public exterior spaces a quality equivalent to the interior private spaces. In order to act in the field of urbanism it is essential to understand the reasoning behind contemporary society which is in continual process of transformation called Modernity by François Ascher (2012).

The renewal of this urban proposal includes a presentation of a practice which surpasses our surroundings widening it into the architect’s effort in social causes and consequently into a good quality habitat. There is a preoccupation and will to bring the public closer to architecture. It is a study directed to people in general.

The architectural solution, a social stimulus functions as a compressing factor in this study, as well as the creation of and innovating ambiances which promote the well-being and a dynamic in a comfortable social living environment.

This study does not only cover the modernisation of an empty urban space in buildings, but also the demand in new patterns of accessibility, in order to proceed to a better adaptation of the society in question. The free accessibility for all is the base of city life and social relationships, giving conditions of access to all citizens without any discrimination.

With this study we conclude that living with pleasure is to generate solutions of project habitat enabling the stimulation of pleasurable living.

Key words: Renewable, accessibilities and living

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	I
RESUMO	II
ABSTRACT	III
ÍNDICE	IV
0. INTRODUÇÃO	1
I. PROBLEMA DE ESTUDO	3
1.1. A CIDADE DE VISEU	3
1.1.1. A expansão da cidade	3
1.2. ANÁLISE URBANA	5
1.2.1. O planeamento urbano	5
1.2.2. Rede viária	6
1.2.3. Usos do espaço privado	8
1.2.4. O espaço verde	9
1.2.5. Vistas perspectivadas	10
1.3. RELEVO DO MUNICÍPIO DE VISEU	11
1.3.1. Topografia da Cidade de Viseu	12
1.4. PROBLEMAS E POTENCIALIDADES	13
II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	15
2.1. PLANEAMENTO E ORDENAMENTO	15
2.1.1. A rua de proteção à cidade	15
2.1.2. A cidade na modernidade	16
2.1.3. Contexto social e económico	17
2.1.4. Individualismo	19
2.1.5. Globalização	19
2.1.6. Rede de transporte, informação e comunicação	20
2.2. MOBILIDADE E ACESSIBILIDADE	22
2.2.1. Princípios do novo urbanismo.	22
2.2.2. Desenho inclusivo	25
2.2.3. A cidade e a arquitetura	27

2.2.4. Habitar na Modernidade	30
2.2.4.1. Habitação individualista	32
2.2.4.2. Habitação existencialista	33
2.2.4.3. "Máquina de morar"	34
2.2.4.4. Habitação fenomenológica	36
2.2.4.5. Estúdio	37
III. RESOLUÇÃO DO CASO	
3.1. INICIATIVA	41
3.1.1. Objetivos e considerações	41
3.2. PROGRAMA	42
3.3. PROPOSTA URBANA	42
3.3.1. Praça de São Miguel	43
3.3.2. Rua Simões Dias	44
3.3.3. O prado e as vistas panorâmicas	45
3.3.4. Quais os usos	45
3.3.4.1. Estacionamento coberto	46
3.4. EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO	47
3.4.1. Caso de referência	48
3.4.2. Bloco tipo	48
3.4.2.2. Área comum	49
3.4.2.3. Área privativa	50
IV. CONCLUSÃO	51
BIBLIOGRAFIA	53
ANEXOS	54

0. INTRODUÇÃO

Quando nos foi proposto a renovação do espaço vazio urbano, localizado na freguesia de Santa Maria em Viseu, para a elaboração do relatório do trabalho final, integrado no 6º curso de mestrado de arquitetura¹ mais precisamente na disciplina de projeto integrado de renovação, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura, deparamo-nos com a necessidade não só de dar resposta a uma exigência pedagógica, mas sobretudo para uma realização pessoal.

Ao propormo-nos renovar este espaço vazio urbano de Viseu, tivemos em conta o enquadramento teórico da evolução da cidade, tendo como base a qualidade de vida dos viseusenses, nomeadamente dos utilizadores locais, para além dos visionários da arquitetura. A cidade de Viseu, terceira maior e mais populosa cidade no centro de Portugal; apresenta-se atualmente como uma cidade em grande crescimento urbano, pelo seu desenvolvimento crescente socio- económico e político, e pelo seu poder histórico, com edifícios tradicionais e modernos.

O desenho da cidade contemporânea é o resultado de várias revoluções socio-económicas e políticas, como se pode verificar nos dez princípios do novo urbanismo descritos por François Ascher (2012), abordados posteriormente e mais pormenorizadamente durante este trabalho.

Para além do desenho urbano temos que ter também em atenção o ser humano, Lynch (1990) procura fazer a articulação do ser humano com o meio urbano, para alcançar a melhor renovação urbana possível, dando prioridade à acessibilidade da população em causa e consequentemente proporcionar um bom viver. A cidade é um cenário físico da vida humana.

A nossa função enquanto arquitetos no palco do território urbano é coordenar o papel de cada personagem com o meio e os figurantes.

A melhor maneira de termos uma representação credível é conhecer bem os atos e desenvolver processos de análise, quer durante os ensaios, quer durante a representação ou quando saímos de cena, em que o público reflete o seu agrado ou desagrado.

O relatório final está organizado de forma sistemático em três capítulos. O primeiro, refere-se à proposta urbana em estudo, faz uma análise exaustiva da zona de intervenção, um estudo morfológico, e identifica as necessidades da população local e envolvente, a fim de

¹ O presente trabalho está redigido segundo o novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, estando em vigor desde 2009.

promover a melhor solução urbana. Este capítulo descreve o objeto empírico, a parte teórica na qual a proposta se inicia.

O segundo capítulo é o enquadramento teórico, onde é mencionado diversos autores e obras, com varias citações. As referências bibliográficas essências para a argumentação e justificação da realização da proposta urbana.

Finalmente, o terceiro, desenvolve e implementa um conjunto de soluções elaboradas para o local de intervenção, a fim de apresentar uma proposta capaz de dar resposta aos problemas encontrados atendendo principalmente à satisfação populacional e ao meio envolvente. É a representação arquitetónica pormenorizada dos espaços em causa, da renovação urbana.

A atual proposta visa a renovação urbana e a solução apresentada pretende ser a mais objetiva, pratica, funcional e com a melhor acessibilidade possível, com a finalidade de ser a alternativa mais agradável para a comunidade.

I. PROBLEMA DE ESTUDO

Aquando nos foi proposta a área de intervenção, ficamos muito satisfeitos por saber que se tratava de um espaço da nossa cidade de Viseu, portanto um espaço do conhecimento de todos. Mas só por essa razão, não quererá dizer o projeto seria mais simples. Qualquer que seja a análise a efetuar do local a intervir, o estudo morfológico se realiza da mesma forma para todos os lugares, mesmo sendo eles de frente para nossa casa, do outro lado da rua, no outro quarteirão, ou mesmo do outro lado da cidade ou do mundo.

1.1. A CIDADE DE VISEU

O Município de Viseu tem cerca de cem mil habitantes, e situa-se na Península Ibérica, em Portugal, na região centro, na denominada sub-região Dão-Lafões. Com um vasto património histórico que tem origem na época castreja² e terá tido a sua importância graças ao entroncamento de estradas romanas com a formação da metrópole a partir dos acampamentos Romanos. Continuamente Viseu está associada a Viriato, por se crer que este chefe do exército lusitano nascera na região.

Viseu foi saqueada e incendiada pelas tropas de Castela no século XIV, e D. João I (1357-1433) mandou erguer uma muralha defensiva, que só foi construída no reinado de Afonso V (1432-1481), restando hoje apenas duas das sete portas, a Porta do Soar e a Porta dos Cavaleiros.

1.1.1. A expansão da cidade

O Plano Diretor Municipal de Viseu, aprovado em 19 de Dezembro de 1995, o visa o ordenamento do território segundo um desenvolvimento económico equilibrado, preservando os valores naturais e culturais, promovendo a melhoria da qualidade de vida da população do município.

Na sequência, é elaborado um Plano de expansão da cidade para cerca de 250 mil habitantes. A nova rede viária projetada possui três circulares de perfil considerável, que se comportam como limites da cidade, que se estende, dos 1500 metros para 6000 metros de diâmetro (Ver imagem 1 e 2).

² Nome dos povoados da Idade do Ferro.



Imagem 1 - Rede Viária aprovada pelo PDM de 1995 para Viseu.

Fonte: autor



Imagem 2 - Concentração de povoados: freguesias.

Fonte: autor

1.2. ANÁLISE URBANA

Como ponto de partida, a análise morfológica da cidade foi elaborada com base na bibliografia disponível, documentação técnica, observação, levantamento e consulta à população. Os desenhos, mapas e esquemas elaborados, foram discutidos entre todos, para melhor caracterização dos problemas e necessidades do local.

1.2.1. O planeamento urbano

O PDM de Viseu, com 17 anos de gestão do território apresenta-se como uma estratégia política, que conta com as Câmaras Municipais e as Juntas de Freguesia, para na agregação, construir uma grande cidade. Atualmente encontra-se em discussão o atual PDM³ para ser elaborado um plano de revisão.

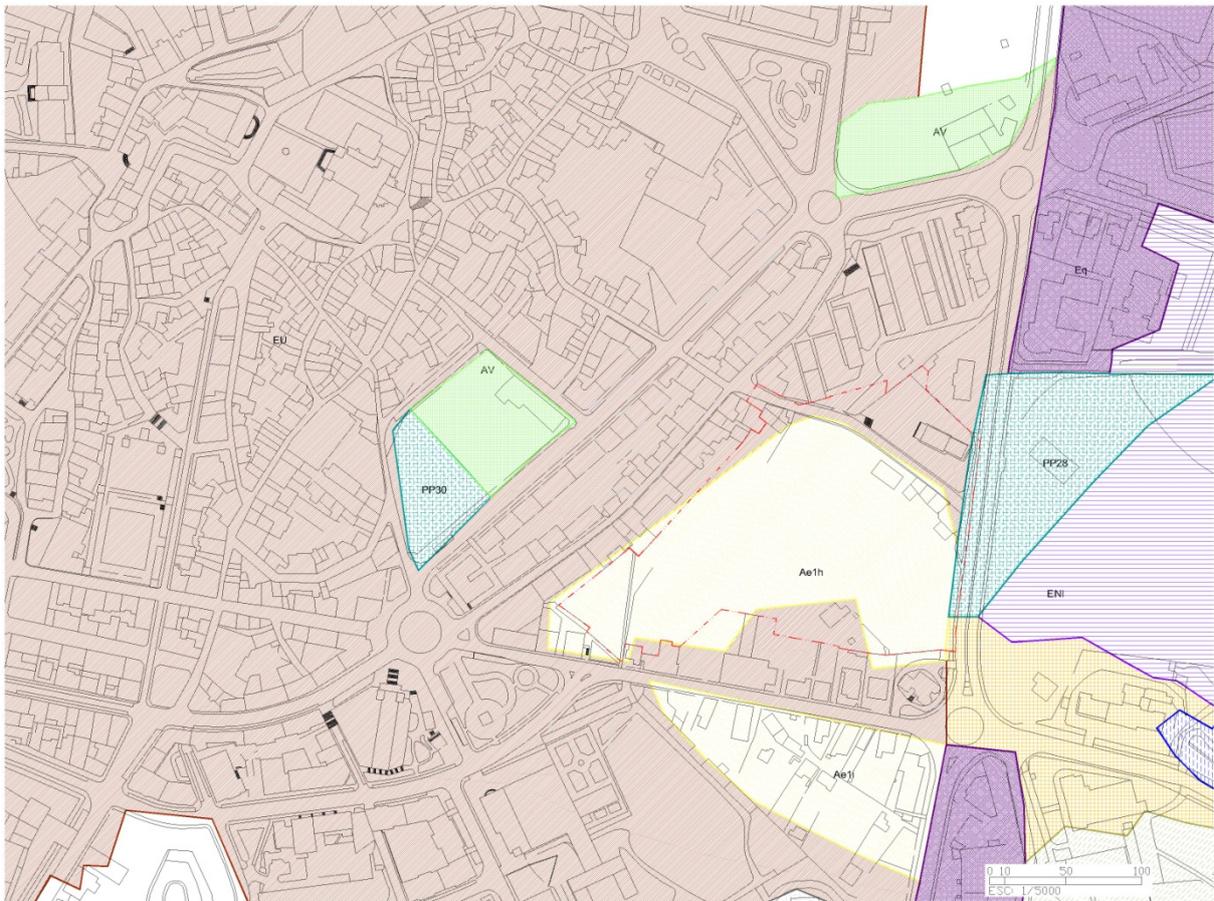


Imagem 3 - Servidões administrativas da planta de condicionantes PDM de Viseu.

Fonte: autor

³ Fonte: <http://www.cm-viseu.pt/index.php/using-joomla/extensions/components/content-component/article-categories/971-pdmviseu> - Consultado em 9 de Maio de 2013.

A cidade encontra-se consolidada na maioria da área delimitada pela primeira circular viária (Ver imagem 3). No entanto ainda existe, principalmente nesta parte a Este do Centro Histórico, alguns espaços com mais ou menos uso, em particular a área escolhida para a nossa intervenção considerada Área de Expansão - Ae1h.

Segundo o 30º artigo do PDM de Viseu os Espaços Urbanizáveis estão divididos em áreas de expansão condicionadas, ou não, em área sujeitas a plano de pormenor. O espaço Ae1h é contemplado no ponto 4 do mesmo artigo, que dada a situação de proximidade com áreas consolidadas, é possível o licenciamento de construção e de loteamentos. No mesmo número fica reservado o direito da Câmara Municipal decidir pela elaboração de um plano de pormenor ou de estudo conjunto, capaz de preservar as características paisagísticas e ambientais, para a salvaguarda de espaços verdes ou de equipamento de uso coletivo.

Os parâmetros urbanísticos, para a área Ae1h, são no máximo de 53 fogos por hectares de densidade habitacional e com o índice de construção bruto não superior a 76% da área total da parcela. A cêrcea dos edifícios varia entre um a três pisos, podendo um dos edifícios comporta quatro pisos, como elemento de marcação. Estão salvaguardadas assim, as vistas para as colinas da Sé e a existência de um espaço lúdico na fronteira com a Estrada Circunvalação.

1.2.2. Rede viária

As novas estruturas viárias ou as obras de remodelação realizadas em vias pré-existentes nos últimos anos ao abrigo do plano diretor municipal de Viseu, visam a modernização desta rede. A estratégia está no alargamento do perfil para quatro vias de circulação automóvel com separador central, passeio e área non-aedificandi em ambos os lados. Todas estas vias de distribuição ordenam os conjuntos de quarteirões numa malha radial em torno da cidade.

A este a zona é delimitada pela Estrada Circunvalação com dois nós: um a norte com a Rua Maria do Céu Mendes e o Parque do Fontelo, e a sul a Rua 5 de Outubro e a ligação à EN-16. A oeste a Avenida Capitão Silva Pereira tem nos extremos nós com as mesmas ruas a Norte - Rua Maria do Céu Mendes - e a sul - Rua 5 de Outubro. Paralelas à Avenida Capitão Silva Pereira estão duas das ruas mais antigas de Viseu, mais a este está a Rua Direita e a Rua João Mendes a Oeste, ligadas perpendicularmente pela Rua de Gonçalinho, que se estende até à Rua Simões Dias.

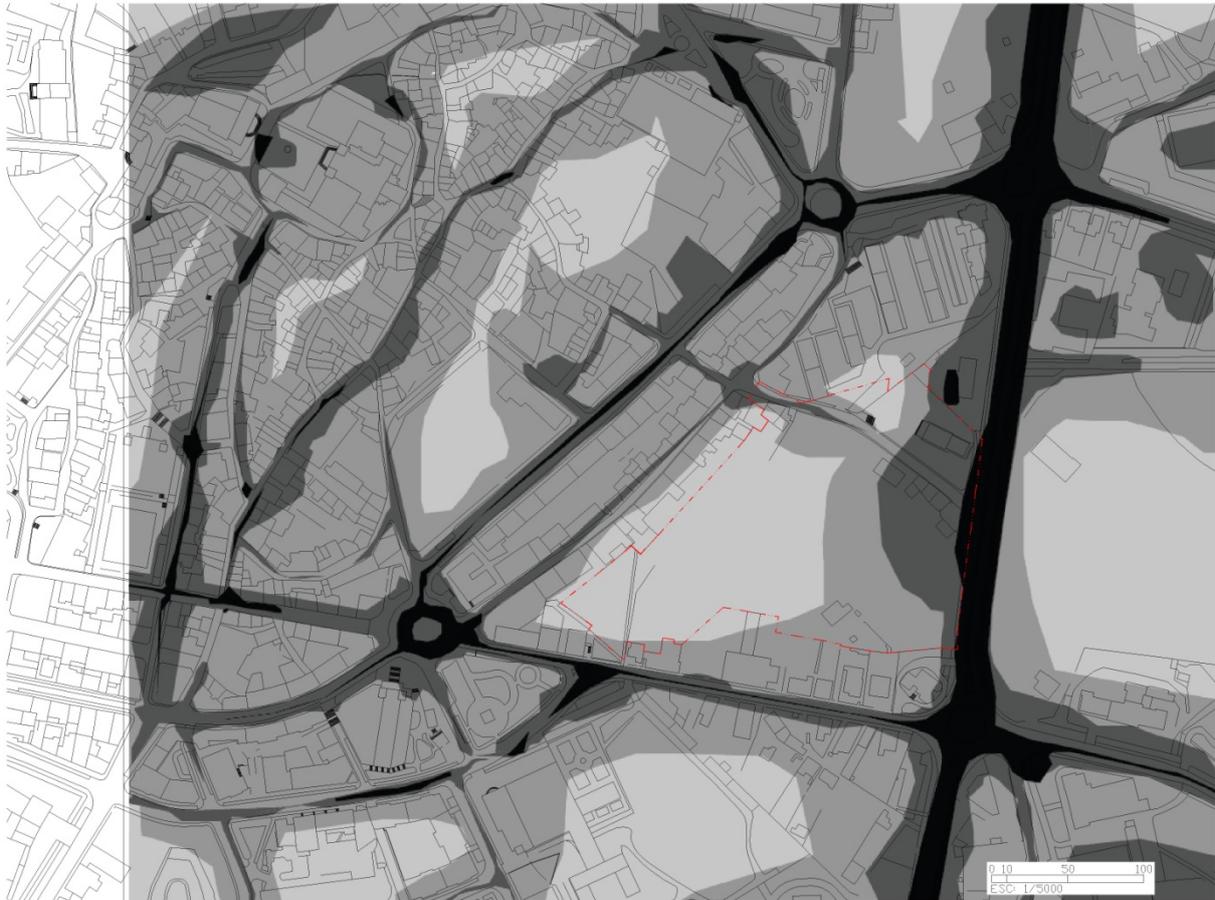


Imagem 4 - Mapa de Ruído

Fonte: análise grupo

O ruído medido no espaço público causado pelo movimento viário automóvel o é maior junto das vias com maior circulação de transito. Conforme o mapa da imagem 4, que representa os níveis de ruído em escala de cinza, do tom mais claro, com inferior nível de ruído e de tom mais escuro, com nível de ruído superior. Notamos, a faixa a negro em toda a extensão da Estrada Circular, bem como as ligações e os nós adjacentes. Também, se pode identificar outras manchas a negro coincidentes com as paragens de transportes públicos ou equipamentos escolares.

Porém o ruído automóvel é maior se concentrado, o que acontece nos nós de ligação e durante os congestionamentos de hora de ponta. Do mesmo modo, a concentração de pessoas em certos locais também pode ser bastante ruidosa. Os usuários dos espaços do centro histórico mediante a hora do dia concentram-se em diferentes pontos (ver imagem 5). As ruas Direita e Formosa são os locais mais movimentados no período diurno, ao invés, a do Mercado 2 de Maio, é muito frequentado durante a noite e pouco de dia.



Imagem 5 - Mapa de concentração de indivíduos, diurno versus noturno.

Fonte: análise grupo

1.2.3. Usos do espaço privado

O centro histórico de Viseu tem boas capacidades para a atração de pessoas. Uma das vantagens da rua sinuosa e estreita é a interação entre o comércio tradicional e o visitante. A Avenida Capitão Silva Pereira e a rotunda da Santa Cristina, com o mesmo tipo de comércio é outro local procurado no período de diurnos pelos transeuntes.

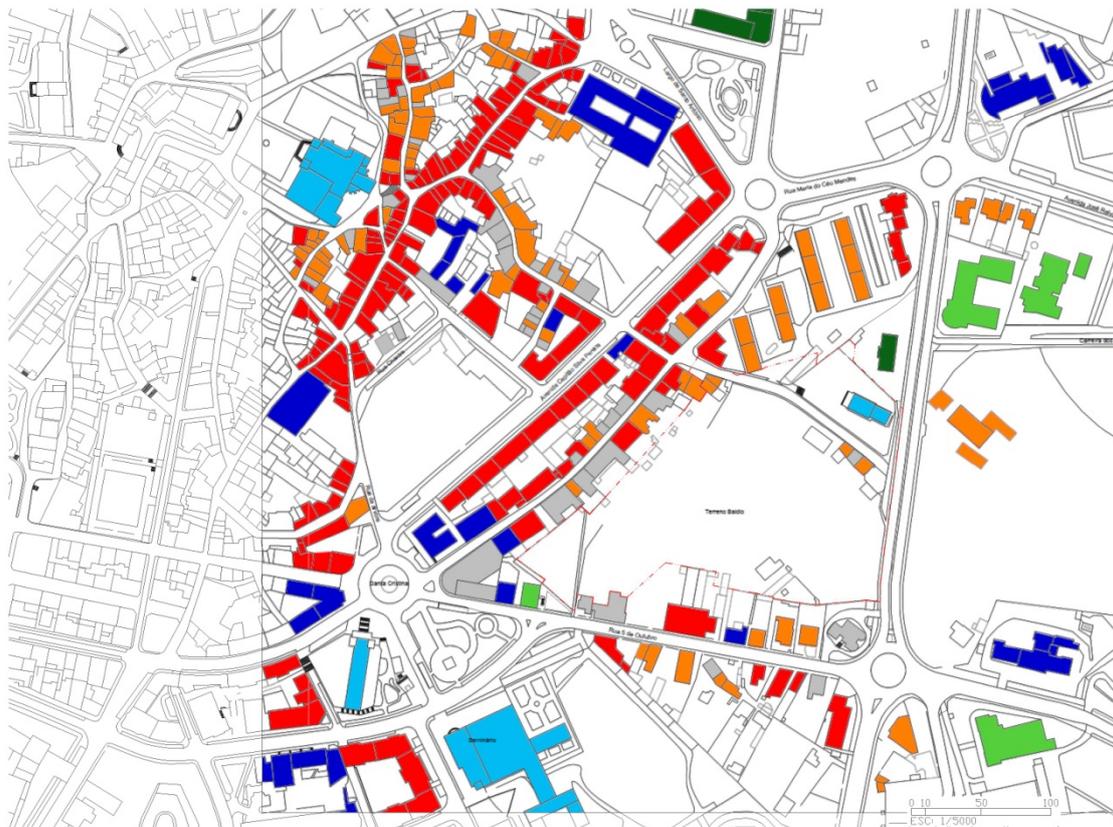


Imagem 6 - Mapa de inventário do tipo de usos ao nível do piso 0.

Fonte: análise grupo

Na imagem 6, estão representados a vermelho os espaços comerciais ao nível do piso 0. A concentração das lojas comerciais é maior na Rua Direita e também muito significativa na Avenida Capitão Silva Pereira. A azul estão os serviços e as instituições públicas, dispersas mas ligadas pela Rua 5 de Outubro e o nó da Santa Cristina, estas com ligação direta ao principal centro cívico, o Rossio. A azul claro, estão as instituições religiosas, e a verde as escolares. Por último, a cor-de-laranja estão os edifícios de uso exclusivo a habitação.

Em suma, no que diz respeito à diversidade de usos o local é privilegiado. Para além de estar próximo do centro da cidade a este, e do parque da cidade a noroeste. Este local dispõem de uma Pousada da Juventude, um centro de saúde, um colégio, comando da polícia, silo-auto, biblioteca, creche e cantina social, escolas primárias e secundária, inúmeras capelas, igrejas, conventos e Sé, entre outros equipamentos necessários ao pleno funcionamento da cidade.

1.2.4. O espaço verde

A cidade de Viseu é reconhecida pelo jardim decorativo das avenidas e rotundas um pouco por todo o município. A área de análise está à porta do Parque do Fontelo, onde na Rua Maria do Céu Mendes a norte, está a eixo do parque, ladeada com três alinhamentos de árvores de grande porte, do mesmo género das existentes no parque. O Bairro da Misericórdia tem também no seu interior algumas grandes árvores, que ainda restam da quinta que deu o lugar ao bairro, que assim compõem o jardim semi-público.

Na área de análise, (ver imagem 7) existe outros jardins públicos, a que se destinam a função de lazer, convívio, interação e ponto de interesse para a cidade. Encontramos a norte o jardim de Santo António, e a Sul o jardim da Santa Cristina, ambos nos extremos da Avenida Capitão Silva Pereira.

Do resultado da desagregação de quintas de cultivo encontramos duas manchas de terrenos baldios, com grande potencialidade para urbanizar e integrar na cidade. Embora sejam locais com graves problemas de transição e acessibilidade aos quais a população em geral não dá qualquer utilidade.

Por último, identificamos vários conjuntos de jardins privados, essencialmente no interior dos quarteirões, apenas acessíveis a moradores, únicos usurários, mais concretamente a Quinta da Prebenda com as mesmas características privadas e cercada por muros altos. Esta área verde, é considerada zona de alta sensibilidade pelo PDM de Viseu, onde se prevê, no artigo 30º no seu ponto 30, a integração no domínio público de uma área de cerca de 2100m²

destinada a parque público, com a preservação das espécies arbóreas e ligação à Rua do Chantre à Avenida Capitão Silva Pereira.



Imagem 7 - Espaços verdes.

Fonte: análise grupo

1.2.5. Vistas perspctivadas

Diretamente relacionada está o estudo dos cheios e vazios urbanos com as vistas perspctivadas, de maior ou menor amplitude. No que respeita à generalidade das ruas do centro histórico a visibilidade é limitada pelas frentes de prédios e de difícil orientação. Enquanto que as ruas perimetrais ao centro histórico permitem uma boa orientação, com visibilidade para os pontos marcantes, embora que ainda mais concretamente no talvegue da bacia hidrográfica, as vistas são limitadas pelos prédios e pelas as copas de árvores de folha persistente.

Na imagem 8, é fácil de verificar a comparação entre a localização dos espaços vazios e as vistas panorâmicas registadas para as colinas na Sé. Graças ao relevo geográfico da cidade, a Estrada da Circunvalação tem vistas privilegiadas para as colinas da Sé, em quase

toda a extensão, sendo quebrada, por alguns edifícios. O prédio alto do Bairro da Misericórdia, a escola primária e a igreja de São Miguel, no seu adro também se disfruta de amplas vistas para a Sé.



Imagem 8 - Escala de cinzas de cheios e vazios comparativamente com locais de vistas.

Fonte: autor

1.3. RELEVO DO MUNICÍPIO DE VISEU

Localizado no designado Planalto de Viseu, a cidade de Viseu está em posição central ao Município e ao Distrito. Envoltura de um sistema montanhoso, constituída pelas serras de Montemuro a Norte, da Serra da Estrela a Sudoeste e a Oeste a Serra do Caramulo.

O Município caracteriza-se pelo relevo acidentado, variando entre as altitudes compreendidas entre os 400 e os 700 metros, que apresenta numerosos cursos de água, organizados em três bacias hidrográficas, a do Vouga, do Dão e do Paiva.

1.3.1. Topografia da Cidade de Viseu

A cidade de Viseu apresenta cotas altimétricas no intervalo de 430 a 490 metros, sendo a cota máxima no centro histórico de 483 metros e no Rossio de 468 metros. De salientar as cotas dos pontos marcantes na área de análise, como por exemplo: o jardim da Santa Cristina à cota 463; a Igreja de São Miguel à cota 463 e o jardim de Santo António à cota 445 (ver imagem 9 e 10).

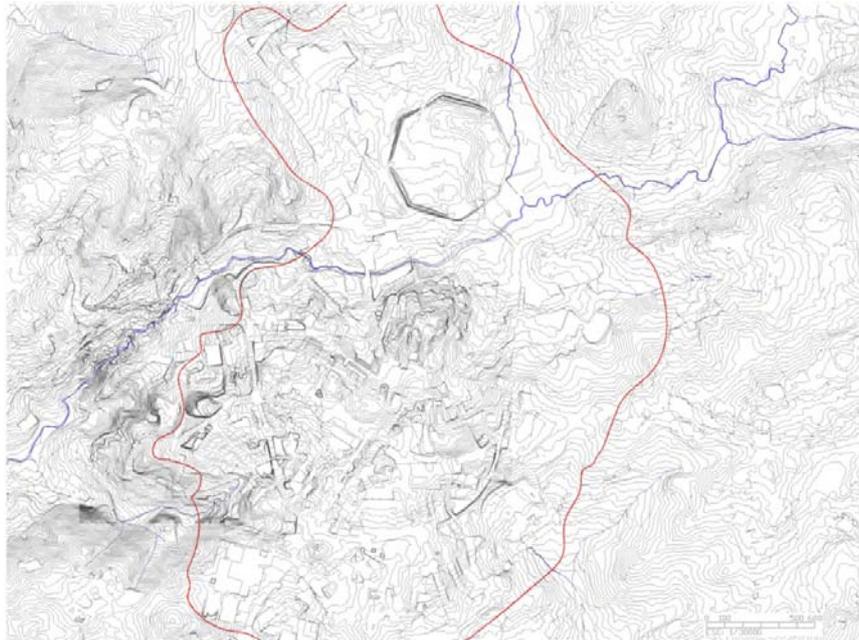


Imagem 9 (em cima) - Mapa topográfico.

Fonte: autor

Imagem 10 (em baixo)- Mapa hidrográfico.

Fonte: autor



1.4. Problemas e potencialidades

A partir da análise efetuada, podemos concluir que o local tem potencialidades e constrangimentos de toda a ordem. A cidade de Viseu, tem vindo a percorrer um longo caminho pelo bem da preservação seu património histórico e cultural.

O Plano Diretor Municipal para Viseu datado de 1995 é a idealização de uma grande cidade, com aposta na expansão territorial, que conta hoje, concluídos 17 anos, cerca de 21 mil habitantes na cidade, 29 mil no município e 47 na periferia.

Resultado do alargamento dos limites da cidade, impulsionado pela especulação imobiliária muitos espaços urbanos ficaram por resolver, ao invés de outras áreas verdes no redor da cidade, que foram anuladas com a execução de Planos de Pormenor controlados pela Câmara Municipal e entidades privadas.

Nos últimos 25 anos, o Município de Viseu tem apostado na modernização da qualidade de vida. A estrutura viária principal da cidade está praticamente concluída. A circulação automóvel é de fácil orientação, rápida e segura. Embora o perfil do arruamentos é um extenso: 15 metros para circulação automóvel, separador central com 4 metros, estacionamento e passeio em ambos os lados com 15 metros, num total de 64 metros, incluindo a faixa non-aedificandi de 15 metros de cada lado.

Em particular no local da análise existe um troço de estrada da Circunvalação, que no entanto, como já era pré-existente ao PDM de Viseu de 1995, esta vai-se manter com a estrutura do perfil existente, embora está sujeita ao arranjo e ao alargamento do passeio com 2,50 metros no sentido norte para sul, incluindo a faixa non-aedificandi de 15 metros a contar do limite do passeio, entendida como a distância necessária para controlo do ruído automóvel.

Também, do mesmo modo o PDM prevê que não possa existir mais nenhuma ligação de entrada ou saída a este troço, por ser suscetível de causar congestionamentos de tráfego. Ao passo que nos deparamos com problemas de intensidade do tráfego automóvel, o tráfego pedonal é praticamente inexistente, junto ao troço da Estrada da Circunvalação. Durante o trajeto existe um aspeto abandonado do espaço onde não convida a permanência e não existe nenhum ponto de interesse, a não ser as vistas para o casario das colinas do centro histórico.

Apesar da existência, na área de análise, de equipamentos sociais muito visitados, como é o caso do Parque do Fontelo, a Casa de Saúde de São Mateus e diversas unidades escolares, a zona não é muito frequentada por transeuntes, ao invés, existe na Avenida Capitão Silva Pereira que uma capacidade de captação de muito visitantes, graças aos

inúmeros estabelecimentos comerciais ao nível do solo, e gabinetes de serviços nos primeiros andares.

Também os espaços verdes públicos ou semi-público não são usados pela população em geral, a não ser por um pequeno número de estudantes, das unidades escolares da zona, que frequentam os jardins nos períodos de intervalo de aulas. Apesar dos extensos prados recordando o ruralismo, dentro da cidade, estes não são acessíveis, e aqueles que o são, no caso dos jardins entre os blocos do Bairro da Misericórdia, são usados quando não existe automóveis estacionados, por indivíduos que vêm de fora da cidade e vêm ali uma boa sombra.

A área de intervenção escolhida a renovar apresenta um declive relativamente acentuado, com cerca de 20 metros está numa encosta orientada a norte. Com graves problemas de transição ou acessibilidade, a Rua Simões Dias, não tem uma continuidade aceitável para qualquer tipo de circulação. Da mesma forma também o passeio da Estrada da Circunvalação, não pode ser usado por qualquer pessoa.

Mas nem tudo é mau. O local encontra-se numa localização privilegiada, com vistas panorâmicas para o centro histórico, beneficiando do relevo natural, com um talvegue na zona da Rua João Mendes, que em conjunto com a Avenida Capitão Silva Pereira forma um eixo perpendicular ao visual acentuando a linha de fronteira do centro histórico, na paisagem.

II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. PLANEAMENTO E ORDENAMENTO

Este item pretende ser um resumo objetivo do conceito de cidade, de como os diversos autores descrevem as questões urbanas. A revisão de ideias, fórmulas e discursos, que associadas às mudanças económicas, sociais e políticas vêm transformando as cidades e consequentemente a sua mobilidade.

2.1.1. A rua de proteção à cidade

A rua, segundo o Movimento Moderno, é organizador da cidade, dos espaços públicos e privados, é uma que aparenta a arte dos edifícios. A crítica de Jane Jacobs (2009) foca-se no desenho da rua, suportado por temas como a sociabilidade, a segurança, a diversidade social e a interação dos usos.

A vida da cidade, como define Jane Jacobs (2009), resulta das ruas capazes de atrair a maior mistura de indivíduos, de conter usos diferenciados, numa rede de quarteirão relativamente curta e de possuir a concentração em nós com grande poder de atração. Todas as ruas deverão ser bem definidas, delimitadas e contínuas, onde deverá existir interesse ou movimento suficiente para manter os olhos na rua e daí dar segurança a quem a usa.

"A rua, como a cidade, muda. Na evolução da rua são patentes as relações com as novas infra-estruturas." (BRANDÃO, P. 2011, p.133)

Para Pedro Brandão (2011) a rua dá sentido à cidade, é a rua que tem a potencialidade de garantir continuidade, ordenar e relacionar edifícios, equipamentos e espaços abertos. Do mesmo modo, é o espaço público que dá resposta às necessidades de socialização, é onde se dá a representação da cidadania.

As ruas no contexto do desenho urbano são muito diferenciadas. A generalidade das ruas oferece ao utilizador, segurança e comunidade, para tal devem dispor de mobiliário e informação útil. Devem ser também harmoniosas, com a presença de elementos verdes ou de água, vistas panorâmicas e seus usos devem ser diferenciados ao longo da sua extensão.

Em particular, as ruas que partilham meios de transporte rápidos ou lentos devem ser amigáveis ao movimento pedonal, com pavimento comodo, permitindo o fácil atravessamento, com boa imagem e orientação por elementos marcantes. Bem como deve ter em atenção a importância do contato visual entre os diversos meios lentos (peão, ciclista e

outros) como também o caminho deve ser o mais direto e proporcionar acessos fáceis a serviços e transportes coletivos.

2.1.2. A cidade na modernidade

Para Jane Jacobs (2009) é preciso saber os inequívocos da história do pensamento moderno sobre as cidades. Primeiramente no final do século XIX, pela mão de Ebenezer Howard, autor da "cidade-jardim", abordou o problema das cidades em duas variáveis: segundo a autora, o número de população versus o número de empregados. Em suma este sistema de ordenamento enfrenta os problemas da cidade em função dos índices de implantação e de população.

Com o desenvolvimento das ciências no início do século XX, a teoria do planeamento urbano altera-se, onde sobre a teoria da probabilidade desenvolve outras. Assim a cidade é analisada segundo uma complexidade de problemas.

"Os planeadores passaram a reproduzir e aplicar essas análises exatamente como se as cidades fossem problemas de complexidade desorganizada, compreensíveis simplesmente por meio da análise estatística, previsíveis por meio da aplicação da probabilidade matemática, controláveis por meio da conversão em conjunto de médias." (JACOBS, J. 2009, p.485)

A Ville Radieuse de Le Corbusier vem trazer mais precisão aos problemas da cidade, embora a ideia base se mantem na relação de densidade populacional e habitacional, mas numa versão central e verticalizada, mais racional, onde por exemplo, o comércio é estrategicamente localizada mediante a vizinhança e o tipo de cliente.

"A ville radieuse, que se ficou pelas páginas dos livros de Le Corbusier e que só foi realizada em amostras isoladas, não é uma Utopia, uma cidade do futuro; é, pelo contrário, a cidade que seria já possível com os meios técnicos e económicos actuais, mas não com os instrumentos jurídicos e administrativos actuais." (BENEVOLO, L. s.d. p.29)

A Cité Radieuse projetada por Le Corbusier apresenta-se como o oposto à cidade. Com a mesma lógica do Plan Voisin (1925), onde se efetuou a demolição dos edifícios devolutos à exceção dos monumentos no centro de Paris, desintegrou o tecido urbano. Porém não é uma negação de cidade, até porque o plano apresentado considera habitação, comércio e serviços para 3 milhões de pessoas, mas sim uma necessidade de aproximação do ambiente rural ao meio citadino, perante o controlo do desenho arquitetónico e urbano.

Para François Ascher (2012) as cidades são núcleos populacionais que não são subsistentes alimentariamente. A dinâmica das cidades está ligada às interações sociais capazes de agrupar população num mesmo lugar.

Diretamente relacionada com o crescimento das cidades está o desenvolvimento das técnicas de transporte e armazenamento. A história das cidades está relacionada com a história das técnicas de transporte e armazenamento de bens, informação e pessoas. Assim a forma da cidade é o resultado das ações continuadas das diversas dinâmicas mais ou menos espontâneas.

Para agir no campo do urbanismo é essencial compreender as lógicas das relações da sociedade contemporânea. Portanto estamos perante um processo contínuo de transformação da sociedade ao que François Ascher (2012) chama de "modernidade", identificando três processos base: a individualização, racionalização e diferenciação social.

"Estes três processos alimentam-se reciprocamente e produzem sociedades cada vez mais diferenciadas, formadas por indivíduos que são, ao mesmo tempo, mais parecidos e mais singulares, com escolhas mais complexas." (ASCHER, F. 2012, p.25)

Estamos perante a terceira modernidade que se caracteriza de forma geral por uma sociedade mais racional, mais individualista e mais diferenciada. Em suma a atual modernidade assenta nos avanços das ciências, da técnica, da ação refletiva, pelo conhecimento do risco, e ainda pela individualização e condicionamentos espaciais e temporais.

"Em tais condições, nem a sociedade nem o indivíduo logram já exprimir a sua identidade da maneira sensível, objectivá-la sob a forma de obras visíveis e presentes a todos pela sua densidade simbólica e a sua transcendência tanto a respeito do instante vivido como a coerção objectiva-funcional, e que são por isso capazes de tomar lugar no mundo." (FREITAG, M. 2004, p.64)

Na sociedade que hoje conhecemos, cada indivíduo ou coletividade é mais diferenciada ou mutável nas suas situações e circunstâncias do dia a dia.

2.1.3. Contexto social e económico

Segundo Michel Freitag (2004) o desenvolvimento da sociedade moderna dá-se em resultado das ações e relações da vida social. Estamos perante o Estado moderno que tende a instaurar e regular as ações da sociedade e do território.

"... as nossas sociedades se cometeram com o desenvolvimento de um modo «decisional-operacional» de regulação e de reprodução que de novo tende a alterar radicalmente as condições reais de produção e reprodução da unidade da sociedade, e também, portanto, os seus modos de representação, tanto reflexiva e ideal como sensível e material." (FREITAG, M. 2004, p.27)

Estamos perante uma revolução urbana moderna provocada pela sociedade hipertexto⁴ e o capitalismo cognitivo. É justamente nesta condição da identidade pessoal que a sociedade hipertexto vem renovar.

Conforme François Ascher (2012) estamos a assistir a uma nova economia que se emerge das cidades ocidentais de onde começam a sair do industrialismo. A economia cognitiva é baseada no conhecimento, na informação e nos procedimentos apropriando-se, usando-as ou vendendo-as, apoiando-se nas novas tecnologias como a Internet.

O desenvolvimento económico está a par da sociedade hipertexto. Onde é mais individualizada, tanto ao nível da produção como no consumo, que simultaneamente é mais diferenciada tanto na especialização das empresas como também nas qualificações dos trabalhadores.

Efetivamente as empresas estão em constante adaptação ao mercado, e hoje, parte da sua produção e dos seus serviços tende a ser procurados fora das instalações. Neste sentido a internet tem um papel importante, que associa e articula os produtos e a informação entre si, transformando o mercado mais transparente e com custos de transição mais baixos, renovando o desempenho dos modelos de produção e venda.

No pensamento de François Ascher (2012), as estruturas sociais são hoje os laços mais fracos e muito numerosos, numa rede interligada que asseguram uma mobilidade acrescida às pessoas bens e informação. Isto dá origem a uma nova solidariedade comutativa que emerge do contato crescente de indivíduos e organizações.

"O desafio para a democracia é, portanto, o de transformar esta sociedade comutativa, de facto, numa solidariedade "reflexiva", isto é, numa consciência de pertença a sistemas de interesses colectivos." (ASCHER, F. 2012, p.46)

⁴ <http://vulgaridades.v.blogspot.pt/2009/07/sociedade.hipertexto.html>

2.1.4. Individualismo

"Por detrás dessa percepção de uma cidade imponente mas frágil precária embora poderosa, encontramos ou nem sempre explicitado desejo de (re)construção de uma comunidade de valores e de praticas que se constituam como alternativa ao urbano despersonalizante e individualista dos nossos dias." (FORTUNA, C. 2008, p.1)

Os avanços científicos contribuem para a modernização reflexiva, pretendendo dar resposta apropriada às complexidades da vida social. Onde o risco é mais ou menos previsível ou quantificável, pois ele cresce a par com o processo de modernização, e está no centro da vida de cada um e no debate público.

Os indivíduos encontram-se em campos sociais distintos, eles deslocam-se real ou virtualmente em universos sociais distintos. Hoje as suas interações são menos numerosas e são os próprios indivíduos que passam de um plano para o outro, constituindo eles próprios as principais ligações entre os diversos campos da natureza diferenciada.

Mas nem todos os indivíduos têm as mesmas possibilidades na construção do espaço social, temos de ter em atenção o campo económico, familiar, local ou religioso, pois estes se sobrepõem consideravelmente. Esta multiplicidade pode trazer a certos indivíduos problemas psicológicos, por uma série de potencialidades que não são acessíveis a todos.

"Ora o individualismo racionalista e utilitarista, universalista e abstrato, que a vida e as instituições políticas e económicas implicam, encontra na esfera da vida privada e da identidade íntima o seu complemento e a sua compensação..." (FREITAG, M. 2004, p.37) Para o autor o desenvolvimento urbanista vem fornecer soluções à desarticulação social e da centralidade da força e do poder, que os projetos do novo urbanismo têm por base a visão do utopista e não mais a representação da sociedade.

"O modo paradigmático de construir o pensamento sobre a cidade não resulta só na construção de modelos, mais ou menos representados em "utopias" e "manifestos" doutrinários." (BRANDÃO, P. 2011, P.50)

2.1.5. Globalização

Os novos paradigmas das cidades sustentável e genérica, apresentam uma necessidade "... de dar resposta à questão urbana central no contexto da globalização..." (BRANDÃO, P. 2011, p.53) para tal, as cidades do mundo necessitam de competir aos diversos níveis de

valores e identidade. Porém, estas formas competitivas, não podem ser reduzida ao elementos estéticos, mas também aos valores dos utilizadores da cidades no seu quotidiano real.

A globalização associa as diversas sociedades num processo produtivo generalizado reforça a diferenciação social. Esta aumenta em virtude das alterações dos modos de vida e dos valores, onde a mobilidade social tem o seu papel dos indivíduos que tem cada vez mais trajetórias de vida e práticas.

Apesar desta autonomia a parte social prevalece mas as suas ligações mudam de natureza e suporte. As relações sociais multiplicam-se e é diferenciada apoiando-se nos modos de comunicação, mas são mais fracas e mais frágeis, permitindo em compensação, estabelecer outras novas.

2.1.6. Rede de transporte, informação e comunicação

"O uso dos meios de transporte rápidos e das telecomunicações pelas empresas contribui também para reestruturar as cidades e os territórios." (ASCHER, F. 2012 p.54)

A cidade transforma-se, pelo que contribui para o desenvolvimento económico, cada vez é maior a acessibilidade, e a sua conexão com redes de transporte e acesso. É nesta dinâmica do capitalismo cognitivo que as cidades concorrem entre si quer pelo interesse que as empresas têm naquele território, como também o poder de atração de jovens da classe média-alta. Para tal promovem políticas locais para desenvolvimento da qualidade de vida das cidades e da própria imagem.

"Cinco grandes evoluções parecem caracterizar a terceira revolução urbana moderna: a metapolização, a transformação dos sistemas urbanos de mobilidade, a formação de espaços-tempo individuais, a redefinição das relações entre interesses individuais, colectivos e gerais, novas relações com riscos.." (ASCHER, F. 2012 p.61)

Conforme François Ascher (2012) a *metapolização* resulta da globalização, na sua divisão pela escala mundial. A *metapolização* é a concentração de riquezas humanas e materiais, conseguida pelo crescimento das cidades sob novas formas. As formas metapolitanas estão cada vez mais inseparáveis pelos meios de transporte e de comunicação, pois as suas redes estão em constante complementação.

Esta estrutura de redes rápidas engloba-se em centros e raios de ação, pelo que as cidades de hoje tendem a ligar-se a outras aglomerações maiores por forma a beneficiar da logística.

As novas tecnologias de transporte e comunicação contribuíram para a transformação da acessibilidade urbana. Uma parte da acessibilidade dos consumidores está à distância de um clique, onde o produto é entregue no domicílio. Embora o indivíduo privilegia os contatos diretos, a possibilidade de encontro é necessária à acessibilidade física.

A acessibilidade de bens e serviços do comércio eletrônico não substitui o comércio tradicional. Segundo François Ascher (2012 p.65) ele "recompõe-se" porque os produtos já não necessitam de estar expostos em grandes lojas dos centros comerciais, mas sim em armazéns e plataformas de logística. Assim o e-comércio poderá introduzir modificações na localização de uma parte das lojas.

Por outro lado, com o aumento dos fluxos das entregas ao domicílio, descobre-se problemas de acessibilidade na gestão da circulação urbana e no espaço de estacionamento.

Para François Ascher (2012) é atribuído um direito à cidade e as pessoas. A acessibilidade e a mobilidade têm de estar garantida. A acessibilidade é importante para todos. Nas pessoas com necessidades especiais ela torna-se um grande desafio, dada a constante alteração da escala ou funcionamentos das cidades.

Dos diferentes meios de transporte, o automóvel é aquele que coloca mais desafios à urbanidade, e consequentemente soluções da mais diversa espécie. Para atenuar os efeitos do veículo privado, a intermodalidade e a transferência modal é a grande aposta.

No meio urbano o automóvel é adaptado predominantemente, onde ainda subsistem aos transportes coletivos e a outros meios de movimentação. São os automobilistas que em busca da melhor qualidade sacrificam todos os outros.

Para incentivar o costume do uso de outros meios de transporte como os transportes públicos, a bicicleta e veículos elétricos individuais ou simplesmente andar a pé, passa pela identificação de pontos de conexão das redes onde também o automóvel tem lugar.

Estes pontos de transferência são eficazes quando existe uma restrição ao automóvel e ofertas de alternativas. Porém, apresentam o risco da deslocação das atividades para outros polos onde o automóvel circula livremente. Como tal, a central de mobilidade tende a informar em tempo real, o indivíduo das alternativas, bem como os seus benefícios na sua utilização.

"A articulação da informação com os transportes recomenda a complementaridade entre a informação estática, preferencialmente em diagramas, e as TIC, providenciando a noção espaço-temporal do serviço de transportes e a sua relação com os elementos de referência da cidade." (BRANDÃO, P. 2011, p.118)

Não podemos esquecer os problemas de qualidade ambiental, também é importante tornar as cidades mais sustentáveis, onde em questões de mobilidade os meios de transporte ecológicos são a resposta credível.

"Talvez mais do que qualquer outro factor, os modos de deslocação influenciam o modo como as cidades crescem e as formas que adquirem os seus espaços." (BRANDÃO, P. 2011, p.137)

Para Pedro Brandão (2011) o valor do espaço público ou edificado terá sempre associado uma finalidade ou um sentido. Do mesmo modo que a temporalidade aliada á economia, onde os investimentos de hoje, mudará o uso do espaço no futuro. Por exemplo, onde outrora os centros históricos eram o centro cívico, hoje é um centro de atratividade cultural, lazer, turismo e de negócios. Poderemos portanto concluir que os novos usos urbanos direcionados ao turismo e lazer, têm em si qualidades efémeras.

Na sociedade moderna avançada os indivíduos podem fazer as suas escolhas graças aos mesmos meios de transporte de pessoas, informações e bens, sendo cada vez mais possível escolher individualmente os lugares e os momentos da comunicação e das suas trocas. Esta multiplicidade de escolhas dá origem a estilos de vida e consumo mais diferenciadas.

2.2. MOBILIDADE E ACESSIBILIDADE

2.2.1. Princípios do novo urbanismo.

Para François Ascher (2012) na terceira fase da modernização o indivíduo tem menor sentido de partilha, evolução que traz consequências para o novo urbanismo.

Segundo Carlos Fortuna (2008) já não é o sentido da coletividade e da partilha que está em causa, o que está em causa é o modo como estamos a usar a cidade e a hipotecar o seu futuro.

François Ascher (2012) defende três princípios, em primeiro plano a renovação do funcionamento da democracia em geral e a refundação do sistema institucional do território, com a elaboração de jurisprudência baseada no princípio da subsidiariedade⁵.

Em segundo, as diretrizes do ordenamento com a finalidade da defesa dos interesses coletivos, da agora sociedade hipertexto. E por último a segregação social em novas formas,

⁵ http://europa.eu/legislation_summaries/institutional_affairs/treaties/lisbon_treaty/ai0017_pt.htm

consequência do desenvolvimento dos meios de transporte. Dada a imprevisibilidade da sociedade hipertexto, supõe-se uma democracia mais refletiva.

Vivemos na sociedade do risco, para François Ascher (2012) é um paradoxo, pois a par do desenvolvimento e conhecimentos das técnicas, maiores são os riscos. A informação difundida imediatamente também contribui para incutir um sentimento do mundo urbano inseguro.

A sociedade hipertexto está permanentemente a por em prática estratégias e a realizar projetos na ambição de dominar o futuro. O princípio da precaução pretende proteger, tranquilizar e obter confiança, e surge na consequência das incertezas tomadas pela sociedade em revolução.

"Risco e princípio de precaução constituem assim elementos determinantes do contexto no qual actuam hoje os poderes públicos, os urbanistas, os ordenadores do território e todos os actores privados e associativos envolvidos na produção e na gestão das cidades.." (ASCHER, F. 2012, p.77)

Estamos perante uma renovação urbana gerada por uma nova sociedade que traz mutações profundas nos modos de conceção, avaliação e gestão das cidades.

Atrás descrevemos sucintamente a evolução da sociedade, que agora é responsável por este novo urbanismo, ao que François Ascher (2012) qualifica de neo-urbanismo. Ao que Carlos Fortuna (2008) gosta de pensar que lhe havemos de chamar democracidade.

Os dez princípios descritos por François Ascher (2012) descrevem resumidamente os principais desafios do novo urbanismo.

O primeiro princípio entende que a atitude do *neo-urbanismo* deverá ser mais refletiva e possuir uma gestão estratégica capaz de reduzir as incertezas. Fá-lo mediante a articulação de avanços e recuos, em curto e longo prazo e a pequena e grande escala. Pelo que os projetos devem ser mais que uma intenção num desenho, que revelem as potencialidades e limitações impostas pela sociedade.

O segundo princípio privilegia mais o projeto do que os meios, que até então. O urbanismo moderno baseava-se na fixação de objetivos assegurando meios para a realização do projeto. Neste neo-urbanismo as normas deverão ser simultaneamente facilitadoras e restritivas, exigindo mais dos técnicos e dos profissionais. Assim, pretende-se encorajar os atores públicos e privados a encontrar modalidades para obtenção de objetivos visando a coletividade.

O sistema de redes é o terceiro princípio que aposta nas dinâmicas urbanas, onde o papel dos transportes é a chave desta relação. Os novos modelos de desempenho são baseados

na colaboração e coordenação das potencialidades locais, para tal é importante a multacentralidade, onde as diversas redes garantem a eficácia do conjunto. Os locais de conexão das diversas redes são de importância acrescida, a base da intermodalidade.

O quarto princípio visa a individualização, marcada na sociedade ao invés das soluções coletivas e homogêneas. As novas tecnologias da informação e da comunicação são determinantes na personalização dos serviços. Neste domínio as centrais de mobilidade disponibilizam ao indivíduo informações em tempo real, permitindo fazer as suas escolhas individuais.

O neo-urbanismo, no seu quinto princípio, pretende que a conceção de novos lugares seja em função das novas práticas sociais. A sociedade hipertexto utiliza as redes, o quanto possível, para desenvolver atividades de natureza diversa num mesmo lugar, combinando lugares reais e virtuais.

No sexto princípio a sociedade confronta o neo-urbanismo com a diversidade de interesses. Agir nesta sociedade diferenciada é complexo pelos desafios da individualidade. Os urbanistas deverão adotar um procedimento que visasse a participação de todos os atores. Cada vez menos os peritos e profissionais podem adaptar o projeto ao interesse geral, pelo que as suas competências estão ao serviço de diversos grupos e atores.

O neo-urbanismo pela sua característica reflexiva, no seu sétimo princípio, pretende solucionar os problemas caso a caso, com a elaboração de respostas específicas. A melhor forma é privilegiar a regulamentação e garantir que todos os poderes públicos regulem o funcionamento dos sistemas urbanos.

O oitavo princípio o novo urbanismo esforça-se por oferecer um leque variado de formas e ambientes arquitetónicos e urbanos, para uma sociedade cada vez mais diferenciada nas práticas e nos seus gostos. Numa cidade móvel os seus atores escolhem os seus lugares aproveitando a variedade das formas, construindo cidades diversificadas que devem seduzir.

Na promoção de uma nova qualidade urbana, no princípio nove, o novo urbanismo tem em conta a complexidade e a variedade das práticas urbanas multifuncionais. Quer pelas exigências sociais quer pelas múltiplas formas concorrenciais. Este urbanismo procura oferecer nos seus espaços públicos exteriores a qualidade equivalente dos espaços privados interiores. Por outro lado o desenho sensorial dos espaços procura trabalhar o visível mas também o sonoro, o tátil e o olfato, criando ambientes mais diversificados, cómodos e atrativos para todos.

O último princípio insere a adaptação da democracia à terceira revolução urbana por meio de dispositivos e dos cidadãos à escala das metápoles⁶. Porém estamos perante a crescente autonomia individual e da económica de mercado, que existe o risco de agravamento das desigualdades sociais. Em contrapartida a gestão da metápole poderá contribuir para o desenvolvimento desta sociedade reflexiva, da qual depende o futuro da sociedade.

"Em conclusão, para resumir e qualificar este neo-urbanismo que hoje se esboça, pelo menos no mundo ocidental, podemos dizer que é:

- um urbanismo de dispositivos: não se trata tanto de fazer planos, quando de organizar os dispositivos que os elaboram, os discutem, os negociam e os fazem evoluir;

- um urbanismo reflexivo: a análise já não precede a regra nem o projecto, mas está presente permanentemente. O conhecimento e a informação são mobilizados antes, durante e depois da acção. Reciprocamente, o projecto torna-se também plenamente um instrumento de conhecimento e de negociação;

- um urbanismo de precaução, que dá lugar às controvérsias e que procura os meios para ter em consideração as externalidades e as exigências do desenvolvimento sustentável;

- um urbanismo concorrente: a concepção e a realização dos projectos resultam da intervenção de uma multiplicidade de actores com lógicas diferentes e da combinação das suas lógicas;

- um urbanismo reactivo, flexível, em sintonia com as dinâmicas da sociedade;

- um urbanismo multivariado, composto por elementos híbridos, de soluções múltiplas, de redundâncias, de diferenças;

- um urbanismo estilisticamente aberto, que ao emancipar o desenho urbano das ideologias urbanísticas e político-culturais, deixa lugar para escolhas formais e estéticas;

- um urbanismo multissensorial, que enriquece a urbanidade do lugar." (ASCHER, F. 2012, p.95)

2.2.2. Desenho inclusivo

As deslocações pelos próprios meios é uma constante no interior dos edifícios, no entanto há uma parte dos indivíduos que preferem andar a pé e em transportes públicos. Como

⁶ Metápole é uma forma urbana criada por François Ascher, caracterizada pela ausência de limites dos quais espaços que a compõem, poderão não ser contínuos. A Metápole é definida por um conjunto de espaços onde pelo menos metade da população, território e atividade económica é integrada na numa ou mais cidades.

vimos a livre mobilidade de todos é a base da vida cidadina e das relações sociais. Porém todos nós estamos limitados às nossas capacidades e de uma forma ou de outra vimo-nos condicionados ou limitados ao acesso ou uso de locais da cidade.

Para Julienne Hanson (s.d) é importante a introdução de novos princípios no design por forma a construir a cidade inclusiva. Aquela que dá condições de acesso e uso a todos, sem distinção de qualquer natureza.

As nossas cidades atuais são fragmentos de constantes modificações em função de questões políticas, económicas e filosóficas. Contudo, os avanços tecnológicos e científicos trouxeram melhor qualidade de vida à população em geral.

Assistimos, a um crescimento mundial da população idosa, facto que só por si, se entende que uma grande parte do idoso não tem acesso a muitos locais, pela existência de barreiras arquitetónicas.

"Older and disabled people have much to gain from living in cities, and cities will undoubtedly gain immeasurably from balanced, socially inclusive communities." (Hanson s.d)

Apesar da existência de legislação, alguns edifícios ainda não foram adaptados e outros que apesar de cumprir a legislação o meio envolvente exterior não oferece comunidade e segurança a todos os usuários. Atualmente e infelizmente, certos edifícios como centros comerciais e outros serviços públicos não têm acesso a pessoas em cadeira de rodas ou com dificuldades sensoriais.

Da mesma forma os meios de transporte coletivos não representam para todos o seu papel, impossibilitando alguns indivíduos de se deslocarem. Como Julienne Hanson (s.d) refere, a pessoa com mobilidade condicionada é aquela que está impedida do acesso ou uso de determinado local, impedido pelas infraestruturas da cidade.

Problemas como a diferença de níveis de cota, altura de degraus, condições do pavimento, locais de atravessamento de ruas movimentadas, paragens de transportes públicos distantes, mobiliário urbano inadequado e custo dos transportes conciliada com a falta de informação, impedem a regularidade da vida de cada um de nós.

Importa agora perceber quem está realmente desabilitado no meio urbano, onde todos nós somos confrontados diariamente com uma serie de estes ou outros problemas. Como descreve Julienne Hanson (s.d) inicialmente a pessoa desabilitada era o deficiente físico. Para este, a solução encontrada consistia na criação de objetos que pudessem ser uteis a um grupo de pessoas.

Com base nas necessidades especiais de alguns objetos, o design faz a distinção entre a sociedade e os grupos minoritários. Esta abordagem é contrastante com a cultura social dos

modelos de acessibilidade; o meio é barreira à atividade humana com efeito em problemas de justiça e inclusão.

Em termos médicos e científicos, a pessoa desabilitada é aquela que tem limitações físicas, sensoriais e cognitivas, parcialmente ou totalmente (por um período de tempo ou infinitamente). Neste rol está toda a sociedade, embora que esta tenha estereótipos quanto a este tema.

Uma terceira posição que Julienne Hanson (s.d, p.8) apelida de "*bio-social*", que concilia a posição médica com a social, que define o desabilitado como qualquer indivíduo que por um problema humano não consiga lidar com o meio ambiente em redor, ou aquele indivíduo que depende dos valores e da vida social.

Qualquer um de nós se pode defrontar em qualquer momento da vida com uma barreira física, por perda de funcionalidade, somos potencialmente um indivíduo com mobilidade condicionada. A título de exemplo temos, idosos, crianças, pais com carrinhos de bebés, pessoas altas ou gordas, quando transportamos compras ou mesmo quando não conseguimos ler a informação em letras pequenas.

O design inclusivo ou design universal tem a finalidade de criar ambientes e objetos que possam ser usados por qualquer indivíduo, a qualquer momento da vida.

O ambiente inclusivo é aquele que, independentemente da incapacidade ou habilidade de cada um, possa ser usado por todos com conforto, eficácia e segurança, sem ser restrito pelo desenho do mesmo. Portanto, o design inclusivo assenta nas diferenças físicas e ergonómicas, é à base de estudo da ergonomia.

O desenho inclusivo, segundo Julienne Hanson (s.d), deve ser igual e homogéneo, propício, tolerante, eficiente e apropriado para todos. Qualquer objeto do quotidiano deve ser igual para todos, independentemente do utilizador e servir uma sociedade de necessidades individuais. Deve ser fácil de usar, não causando stress ou fadiga.

Para tal, deverão ser efetuados testes ou prestar acompanhamento aos usuários para perceber o problema. Por fim, o desenho ergonómico deve adaptar-se às dificuldades da maior parte dos usuários.

2.2.3. A cidade e a arquitetura

Na caracterização do desenvolvimento da cidade moderna, Leonardo Benevolo (s.d.) identifica cinco fases da história, relacionados com novos métodos de produção implicando alterações demográficas. Primeiramente pelo cultivo de géneros e fixação em pequenos

aglomerados, seguido da formação da civilização urbana, com a reunião de grupos ou indivíduos de diferentes áreas. Numa terceira fase identifica a escrita e a diferenciação de classes, principalmente a dirigente, obtendo maior legitimidade na cidade e seu povo. A revolução comercial, a quarta fase, deve-se ao aperfeiçoamento da produção agrícola e artesanal. Em último a revolução industrial, resultado da pesquisa científica aplicada à tecnologia, resultando no desenvolvimento da produção e consumo.

"A cidade em que vivemos não é o reflexo fiel da sociedade no seu conjunto, mas um mecanismo mais rígido, que serve para retardar e para amortecer as transformações em todos os campos, para fazer durar mais tempo a hierarquia dos interesses consolidados. Os inconvenientes técnicos que todos conhecemos - o congestionamento do tráfego, a densidade de construção, a escassez de serviços, a destruição do ambiente natural - não são conseqüências inevitáveis da vida moderna, mas o preço que se paga para conservar uma combinação de poderes que já contrasta com as possibilidades oferecidas pelo desenvolvimento económico e tecnológico." (BENEVOLO, L. s.d. p.29)

A Cité Radieuse é um mito. Ela não tem nome ou local, simplesmente não existe, mas podemos observa-la como um diagrama. Na perspectiva dos críticos Le Corbusier interessava-se pela habitabilidade em navios ou mosteiros, era como uma obsessão pela relação da arquitetura com a cidade, conseqüentemente com os seus habitantes e com a sua cultura. No entanto, esta tentativa de unificação necessitaria de uma grande porção de terreno livre, para implantação das Unités d'Habitations monumentais da era.

Um bom exemplo da aplicação dos princípios de Le Corbusier é a cidade radial perto de Meaux (Paris, 1956), com cinco "Unités d'Habitations" de dimensão considerável, orientados com topos para norte e sul, e duas outras torres cilíndricas marcantes, que assentam sobre uma carpete verde. Servidos por uma rede de ruas de tráfego diferenciado entre lento e rápido, convivendo todos: pedestres, bicicletas ou automóveis, ligando assim os blocos à envolvente e a Paris.

Em semelhança com a "Cité Radieuse" também a "Unité d'Habitation" não possui solo, o terreno é ignorado dos desenhos de Le Corbusier, uma indiferença pelo sítio ao invés da paisagem, elemento basilar da conceção do projeto. Também expressa na composição da Villa Savoye, com o edifício sobre pilotis, Le Corbusier rejeita assim o terreno, abstraindo-o de si, quebrando qualquer ligação ao local.

Esta resolução da construção do bloco sobre pilotis, não é uma opção apenas estética - a elevação do edifício para o tornar mais visível - mas também funcional. Le Corbusier

acreditara que concebendo o edifício aberto ao nível do solo, e onde permitiria a circulação livre de pedestres ou a permanência de pessoas, estaria assim a promover as relações sociais.

"Indeed, the social project of Le Corbusier involves a complete modification in the way of life of the inhabitants. All reference to an urban life, to a traditional neighbourhood life, is abolished: no more "corners", or "opposites", or "next doors"." (PANERAIS, P. 2005, p.118)

Para Benevolo (s.d.) a cidade moderna tem início no primeiro pós-guerra, momento de reconstrução da cidade, em que a arquitetura moderna não deriva da gestão política, mas sim da análise científica global. Embora que a gestão escolhida seja dominada por interesses particulares, segundo uma pluralidade de forças políticas e sociais. O autor identifica três fases da constituição da cidade moderna global:

A primeira fase - localizada sobretudo no período entre as duas guerras - diz respeito à análise das funções urbanas (assim classificadas pela Carta de Atenas; habitar, trabalhar, cultivar o corpo e o espírito, circular) e ao estudo dos mínimos elementos funcionais para cada uma delas.

A segunda fase - localizada nos vinte anos que se seguem à segunda guerra - diz respeito ao estudo dos modelos de agrupamento e conduz a uma definição do conceito de unidade de habitação.

A terceira fase, que se prolonga até hoje, tem como tema central a pesquisa dos agregados sucessivos até à dimensão completa e auto-suficiente da cidade tradicional. Os projectos e as realizações modernas de novas cidades formam uma sequência que inclui: as utopias do princípio do século XX (as cidades-jardim, a cidade industrial de Garnier); os modelos russos (quase só teóricos) entre as duas guerras; as novas cidades inglesas do primeiro pós-guerra; as realizações inglesas seguintes e as novas cidades francesas; as novas capitais artificiais (Brasília, Chandigarh, Istambad) e as grandes aglomerações planificadas do Terceiro Mundo. (BENEVOLO, L. s.d. p.47)

"Tratava-se de introduzir conceitos que permitissem à arquitetura refletir com maior exatidão a diversidade dos modelos sociais e culturais, propondo ideias como a «identidade», modelo de associação, vizinhança, etc. Para isto era necessário provocar a crise definitiva dos princípios simplificadores da Carta de Atenas⁷ e expor a complexidade da vida urbana." (MONTANER, J. 2001, p.30)

⁷ Carta de Atenas -

Mies van der Rohe é aquele com mais obra desenvolvida na continuidade do método internacional do movimento moderno, preferindo o pavilhão e o arranha-céus em vidro. A evolução do seu trabalho é notória, desde a fluidez e flexibilidade dos pavilhões até à rigidez das caixas de vidro, no edifícios altos perdem as formas orgânicas para a prismáticas.

"Esta insistência no conceito de «espaço universal» -ou seja, uma estrutura espacial como o pavilhão capaz de aceitar quase todo tipo de função- é, paradoxalmente, antifuncionalista. Revela o divórcio entre forma e função, a crise dentro da ortodoxia do Movimento Moderno da premissa de que a forma deve seguir a função. Ao contrário, a função se amolda a uma forma dada." (MONTANER, J. 2001, p.22)

"Um fenômeno similar de revalorização de arquitetos anteriormente marginalizados, detectaríamos na obra que nos anos cinquenta realizam alguns arquitetos portugueses, como Fernando Távora ou Alvaro Siza Vieira, tal como veremos na terceira parte deste livro. Para estes, a fonte de inspiração inicial da arquitetura não será nem a máquina nem a metrópolis, senão a arquitetura popular e a natureza." (MONTANER, J. 2001, p.46)

"Porém quando Heidegger falava do «ser», não se referia exclusivamente ao «homem», e quando falava de «espaço» se referia a algo mais geral do que o espaço que temos «a mão» e «ante os olhos». Insistiu na dignidade da existência do homem sobre a terra, o «ser no mundo», que se realiza no lugar do habitar. (MONTANER, J. 2001, pp.64-65)

2.2.4. Habitar na Modernidade

"Propondo novas utilizações dos espaços, a sala comum é estreitamente ligada à cozinha através de um móvel passa pratos, mas que também pode ser usado como mesa de refeições. Os móveis, estudados no sentido de aproveitamento das áreas mínimas, constituem elementos protagonistas do espaço, funcionando como divisórias, mas também como elementos plásticos." (Tostões, A. s.d. p.28)

Inspirado na "Unité d'Habitation" de Le Corbusier, o bloco das Águas Santas em Lisboa, projetado por Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu da Costa Cabral, mantém a simplicidade funcional, o conforto em espaços equilibrados e a economia técnicas e materiais de construção.

Ao mesmo tempo que Nuno Teotónio Pereira procura um novo programa habitacional, luta por uma arquitetura religiosa contemporânea. A igreja projetada para a aldeia de Águas, Penamacor 1949-1953, é certamente o momento de renovação da arquitetura em geral. O projeto é concebido segundo a racionalidade e a funcionalidade, relacionando a arquitetura

popular com a consulta à população. A região e a comunidade estão bem definidas na obra, quer pela escolha de materiais, quer pelo sítio e implantação.

"Se a adoção de materiais da região, como o granito nas paredes ou a telha na cobertura, poderia aparentemente definir uma aproximação previsivelmente tradicionalista, a verdade é que se segue uma lógica contemporânea na utilização dos materiais que, aliada à atenta integração no contexto ambiental da aldeia beirã, constitui uma primeira manifestação de realismo e de uma consciente modernidade." (Tostões, A. s.d. p.28)

A implantação escolhida reproduz a continuidade do desenho da aldeia com as suas ruas e vielas, abrindo-se agora um «largo» como um terreiro onde à ilharga se localiza a entrada da igreja. O novo equipamento comunitário é assim trazido a fazer espaço para a colectividade, espaço livre para estar, mas também para valorizar a presença da própria igreja." (Tostões, A. s.d. p.28)

Resultado do IV CIAM, realizado dez anos antes, este texto foi fundamental para toda a sua geração na reflexão em torno do urbanismo, da cidade e da habitação colectiva, nele revertendo duas questões que, no percurso deste arquitecto, são relevantes e transversais: a defesa da arquitectura moderna e o problema da habitação olhado sempre de dentro para fora, ou seja, equacionado na procura de soluções, na observação e análise crítica do que, primeiro na Europa e depois no Brasil ou nos Estados Unidos, se ia fazendo. (Tostões, A. s.d. pp.102-103)

Na conceção do projeto da habitação, continua ainda vigente uma materialização de certas ideias que têm origem de correntes sociais, das quais o arquitecto tem mais ou menos distanciamento.

Arquétipos que seguidamente serão descritos, segundo encadeamento a que lhe deram origem, iniciando-se pela casa positivista, originária do movimento moderno, contra a qual os restantes modelos foram construídos.

Esta tipificação restringe-se ao âmbito do uso doméstico, embora por vezes sejam simultaneamente formas de pensar as relações entre o espaço público e privado, abrangendo a cidade.

Presentemente outras ideias sociais, próprias da modernidade, geram soluções de projeto habitacional pretendendo estimular o prazer de habitar.

Neste sentido os projetos habitacionais ponderados visam traçar uma perspectiva atual, baseada em conflitos e idealizações sociais e individuais, capaz de produzir outras formas ou tipologias de habitação contemporânea.

2.2.4.1. Habitação individualista

Iñaki Abalos (2003) no primeiro capítulo de seu livro "A boa vida. Visita guiada às casas da modernidade" inicia-se com a habilidade de estabelecer um vínculo filosófico e emocional entre Nietzsche e Mies van der Rohe.

Segundo o autor, Mies van der Rohe, ao longo de oito anos (1931-1938) projetara um conjunto de casa-pátio por fim de obter tipologias de baixo custo para famílias das classes operária ou burguesa, com aproveitamento racional do terreno, expostas a uma boa orientação solar.

Distante da ideia de standardização da habitação, Mies van der Rohe, elabora projetos individualizados, temos como exemplo os projetos casa de três pátios, agrupados em unidades diferenciadas quer pela forma de delimitação do lote, da implantação da casa, quer pela proporção e orientação.

"Em nenhuma das casa há mais de um quarto, ou melhor, e mais precisamente, mais de uma cama. Mais precisamente, sim, pois não existe, sequer, um espaço fechado que possamos denominar quarto: ao invés, as casas organizam-se como um meio contínuo que se movimenta, dispondo seus móveis e objetos de tal forma que, em função do isolamento obtido através destes movimentos, não é difícil determinar a particularidade de cada lugar e o seu uso previsível." (Ábalos, I. 2003, p.23)

Por outro lado, uma clara influência de seu cliente Alois Riehl, autor do primeiro livro sobre Friedrich Nietzsche, permite-nos entender o ímpeto do arquiteto quanto à finalidade da habitação. Por exemplo, a casa de três pátios de 1934, projetada para um tipo de homem solteiro que deseja isolar-se e exercer a sua individualidade.

Iñaki Ábalos (2003) defende que aqueles conjuntos destinam-se a um único habitante e tão pouco os pátios terão sido criados pela sua função original, de controlo ambiental, mas sim para reforçar a privacidade, exercendo a sua individualidade.

"Quer negar a possibilidade mesma desse comentário, quer afirmar-se, e asseverar a casa como o império do eu. Não é difícil distinguir, nesta decisão radical, um eco do "super-homem" nietzschiano, essa figura que deve reconstruir a sua posição no mundo, esquecendo toda a sujeição a ele imposta, a tradição judaico-cristã e o pensamento metafísico inaugurado por Platão. (Ábalos, I. 2003, p.25)

Os pátios tanto são a extensão da casa como uma representação da natureza. Isolados por muros altos onde não existe nada relacionada à família moderna, a não ser algumas árvores que reforçam a horizontalidade e a uniformidade da pradaria.

O sujeito miesiano deseja o isolamento, ele é um indivíduo cidadão que procura refúgio na sua casa dentro de muros, apesar de ser um homem com vida social intensa. Além do mais, cria a suas próprias normas e morais onde as suas decisões e ações não têm retorno.

A materialidade dos projetos de Mies van der Rohe dá-se com materiais mais avançados mas tradicionais. A lareira é agora um elemento que se confunde com uma parede, ambas construídas em tijolo, eliminando assim a verticalidade. Apesar da construção moderna em estrutura, vidro e cobertura plana, os materiais escolhidos são o tijolo, pedra e couro, mais próximos do corpo, estabelecendo assim um diálogo entre eles.

Por outro lado, a horizontalidade corta qualquer ligação com a divindade, a afirmação do sujeito que se expande pela casa. A reflexão da luz nos pisos e tetos com idêntica intensidade luminosa, totalmente contrária à ideia de iluminação zenital.

"Mediante a flexibilidade, Mies van der Rohe obtém uma luz flutuante, imaterial, que rompe com a mais óbvia dentre as verticalidades: a dos raios do sol." (Ábalos, I. 2003, p.31)

Complementarmente a simetria horizontal, ao invés da vertical clássica, está ligada à percepção do espaço e a recursos compositivos. Para tal adota o pé-direito de 3,20m, onde se situa o plano de vista simétrico em relação ao teto e ao piso.

Estamos perante um sistema que foi desenvolvido em torno de novo sujeito, com um programa completo do habitar. Mies van der Rohe fizera um exercício de projetar o eu no espaço privado, à sua própria imagem.

2.2.4.2. Habitação existencialista

Na mesma época em que Mies van der Rohe trabalhara nas casas-pátio, Martin Heidegger vai habitar uma pequena cabana em Todtnauberg na Floresta Negra, cedida pela Universidade de Friburgo onde é reitor.

Para Heidegger a casa não deverá ter um mero sentido de habitar, mas sim atingir a plenitude do ser. A casa não será um marco na vida de alguém mas um reflexo dos próprios. Repensar o ser, volta a questionar como na origem da filosofia, repensar a casa, interpretando o seu sentido existencial.

As motivações de Heidegger levam-nos a crer que a casa é o lugar do autêntico, o abrigo que protege do tempo e agentes naturais, mas também do mundo e do superficial. A casa é assim o refúgio da cidade, como na casa individualista, mas a casa existencialista é ainda o local da autoridade paterna.

O habitar existencial ergue-se contra a cidade moderna, suas tecnologias industriais e de comunicação, contra tudo aquilo que leva a esquecimento da tradição ou à destruição da natureza. A casa existencial é sempre construída com materiais naturais de preferência obtidos no local.

Na cabana de Heidegger com seis por sete metros, não há tem espaço para qualquer representação pública, que poderia romper com a organização interna da família. A casa tende a permanecer voltada para o interior, centrada na sala que também é cozinha, e em redor um quarto e um estúdio sem complexidade ou qualidades espaciais.

Assim a casa existencialista, quer pela negação do interior como pelo radicalismo com que se concebe uma barreira, não é um espaço privado privilegiado sem qualquer centralização, num hall ou numa lareira, as suas paredes são uma pele fronteira entre o espaço interior e exterior. É nesse atrito do ponto de contacto que o local da entrada é organizado com esmerado cuidado.

"A revitalização de inumeráveis centros históricos nos anos oitenta, assim como a reconsideração do marco geográfico na planificação do desenvolvimento sustentável nos anos noventa são conseqüências indiretas, mas certas, da reflexão sobre a pequena cabana de seis por sete metros, realizada por um professor obcecado pelo significado da palavra bauen." (Ábalos, I. 2003, p.59)

Para Ábalos (2003) Martin Heidegger soube transmitir formas de implemento de novos métodos, valores e pressupostos no projeto da habitação. O retorno à relação equilibrada com a natureza e um habitar mais simples ou modesto. A casa subjetivamente construída por si mesma, através da problemática do significado da palavra "construir".

2.2.4.3. "Máquina de morar"

Em 1957, Jacques Tati conclui o filme mudo "Meu tio" (título original: "Mon oncle") que é uma sátira à sociedade, arquitetura e urbanismo da época. Este filme contrapõe duas formas de viver, a do tio numa velha casa no centro de Paris e a da família Arpel com um único filho que reside numa casa moderna com um pequeno jardim num bairro sofisticado.

Ábalos (2003) neste filme, compara os estilos de vida pelas ações e reações físicas do menino que adora passear com o tio Hulot, e as tentativas dos Arpel em desespero para integrar seu filho e Hulot na vida moderna.

"Este é o mundo de Tati, que observa e de quem faz uma caricatura, essa vida felizmente inserida na ordem e no progresso científico encarnada pelos Arpel, a emulação de

uma impossível vida harmônica dedicada à plena inserção dos indivíduos na engrenagem maquínica da sociedade, essa paródia do indivíduo que é sujeito estatístico do positivismo." (Ábalos, I. 2003, p.71)

Tati interpreta o Tio Hulot, um habitante de uma casa labiríntica e indiferente a toda a ideia de progresso, que vive cada instante e cada situação é construída por si mesmo, que enfrenta o mundo com a mesma intensidade e inocência de um menino.

Pelo contrário as ações dos Arpel têm seu fundamento e sentido no progresso, onde é esquecido quase por completo o passado, e o tempo da fé cristã, aproximando-se do materialismo histórico. Habitam a casa individualista, um espaço moderno onde o privado é exposto como unidade, a família. É essa visibilidade exposta para o sujeito miseano da casa-pátio, que se refugia dentro das suas paredes.

O jardim dos Arpel sempre exposto ao sol, apresenta-se deslumbrante com cuidado extremo no seu arranjo. A fonte, em particular, apresenta-se como uma metáfora aos condicionalismos dos usos e movimentos do espaço exterior onde a natureza foi transformada também ela em conceções científicas, um material contínuo indiferenciado sem propriedades.

A materialidade da casa individualista tem condição moderna, os materiais a empregar serão provenientes de técnicas industriais, segundo suas propriedades físicas à imagem de uma linha de produção.

Os espaços são pensados e previstos mediante as funções rotineiras de um ponto de vista mecânico. A exemplo da casa dos Arpel, onde os automatismos deveriam facilitar na vida doméstica, mas pelo contrário, obrigarão a uma rotina escravizadora, pelas sistemáticas falhas do maquinismo moderno.

Os mecanismos de projeto da casa individualista será de novo a planta, mediante a sua otimização de espaço, função e tempo, onde através do zoning e um microzoning, virados ao sol, "em que as peças são decompostas para serem novamente ordenadas em uma engrenagem mecânica e orgânica com eficiência máxima, a famosa "máquina de morar". (Ábalos, I. 2003, p.80)

Na "máquina de morar" a visibilidade é convertida em vigilância, numa máquina de vigiar, dominando o entorno, a cidade e seus iguais, em favor da ordem e da unidade. O espaço individualista é um espaço sem memória, corresponde a um espaço propiciado pela transparência, pela insolação e limpeza.

Na "máquina de morar" o salão é o local privilegiado da casa, um local fluido de constante movimento, com vários pé-direitos em torno do qual a casa gravita, com especial

transparência onde o segundo espaço no exterior concebido á imagem do salão interior é separado por um fino e permeável pano de vidro.

2.2.4.4. Habitação fenomenológica

Construída a partir de duas obras: Fenomenologia da percepção (1945) de Maurice Merleau-Ponty; e A poética do espaço (1957) de Gaston Bachelard, onde no primeiro se destacam essencialmente os capítulos dedicados ao corpo e ao espaço, e no segundo onde o autor descreve a topologia da casa fenomenológica.

Contudo, para melhor compreensão, importa agora descrever uma outra forma de habitar uma forma de entender e usar o espaço. Uma forma de habitar do individuo livre e criativo como Pablo Picasso.

Através das reportagens fotográficas de André Villers e de David Douglas Duncan, onde assistimos de forma fascinante de habitar que nas suas distintas casas o artista tem um mesmo modo de morar. Todas elas compõem uma mesma imagem desmesurada e anárquica, vivida na desordem e na despreocupação, típicas de um menino em prazeroso de umas férias prolongadas.

A casa fenomenológica no geral podia ser descrita como uma grande casa de férias, habitada pela família durante longos períodos, com seus cantos e sótãos secretos à semelhança de um labirinto, com corredores que servem uma multiplicidade de espaços alheios uns aos outros.

O sujeito fenomenológico rodeia-se de coleções, de objetos sentimentais, um inventário da sua atividade e memória. Fá-lo também através da ausência de hierarquização e em certa medida, na desordem também labiríntica. O habitante fenomenológico procura o bem-estar através de relações afetivas com os objetos, recriando com eles o seu mundo miniatura.

O projeto assenta numa multiplicidade de microcosmos cada um dos quais terá sua identidade definida pelos seus próprios atributos topológicos. Decrito por Ábalos (2003) como uma fragmentação do conjunto em uma soma de espaços autônomos, uma organização cuja taxionomia foi estudada por Steven Holl deixando-se influenciar pelas teorias da percepção fenomenológica.

Entre outros arquitetos, Jørn Utzon e Juan Navarro com seus exemplos eloquentes a "casa do sol" em Maiorca e a "casa da chuva" em Cantábria, procuram o máximo da experiência fenomenológica por esquemas desdobráveis e labirínticos, deformando a percepção

da paisagem, meio que lhes atribui uma identidade graças à sua situação geográfica, a primeira no clima mediterrâneo e a segunda no atlântico.

Tal e qual como no ar dos espaços das casas de Picasso, também nestas duas outras procuram uma maior presença do meio natural no interior. As texturas, a qualidade da cor refletida a sonoridade dos ambientes é cuidadosamente tratada por peles sensíveis e eriçadas, obtendo uma congruência sensorial nos sentidos tátil e auditivo.

Aqui mais do que a técnica construtiva ou a indistinção da utilização de materiais artificiais e/ou naturais, tendendo a o uso híbrido dos mesmos, a materialidade deverá ser desinibida e sensual, incorporando ativamente elementos naturais, como espelhos de água ou arvoredos.

"A casa da chuva dá as boas vindas ao visitante, organizando sob uma abóbada marcante, um pequeno labirinto com vitrines. Nas vitrines dispostas em leque, as distintas coleções de objetos registam as afeições íntimas do proprietário e emolduram a visão da paisagem, num gesto de boas vindas. A duplicação de circulações em uma das alas permite incrementar os graus de complexidade e as formas de organização de uma casa cujo tamanho é relativamente pequeno; os muros exteriores incluem armazenagem de objetos, propiciando, assim, uma proteção climática extra; o cercamento da casa realiza-se através de um movimento, quase um balé, que realça o vale e, nele, a casa." (Ábalos, I. 2003, p.106)

Em contraponto a casa do sol exagerará em sua dimensão resultado da desagregação dos quartos graças ao clima ensolarado. Estes distintos corpos assentam o efeito de escala e amplia a liberdade de usos. "...utilizará, com elite, motivos decorativos que refletem o esmero e os gostos de quem a habita; buscará uma relação corpo a corpo com o meio físico definido pelo sol, pelo mar e pela rocha; fixará a posição de seus móveis mais significativos, transformando-os em uma arquitetura permanente." (Ábalos, I. 2003, p.106)

Nesta atitude fenomenológica crê-se que todas as habitações são objetos físicos á disposição de alguém, embora dependendo da relação sensorial entre eles. Porém a complexidade da habitação fenomenológica, está em articular os topológicos labirintos em apartamentos, e em como se deverá organizar um fachada entreaberta em locais sem qualidade.

2.2.4.5. Estúdio

Nas décadas cinquenta e sessenta surge a corrente de contracultura, em especial em Nova Iorque. Esta experiência acaba por resultar num estilo de vida com uma nova forma

assumida por um grupo restrito de pintores que a associou a uma forma de habitar. Uma comuna liderada por Andy Warhol intitulada "The Factory" instala-se num espaço industrial, apropriando-se dele - o "loft".

O local que ao mesmo tempo é de festa e de trabalho, aberto e intensamente frequentado por todos sem distinção, onde se produzia arte e música, para os museus e para as massas. O espaço apresenta uma decoração extravagante e na maioria prateada, com papel de alumínio no teto, paredes e pisos pintadas de prateado, num contínuo reluzente, consolidado pelo mobiliário também pintado de prateado.

"A transformação da vida cotidiana, a busca de uma arte de viver que se confundisse com o próprio trabalho criativo, o abandono da ideia de família como projeto vital e a colocação em prática de outras pautas de organização vital e sexual, perderão a radicalidade política onipresente em Berlim e Paris e se desenvolverão, finalmente, como expressão mesma da identidade dessa cidade, de sua cultura metropolitana e dos aspectos mais libertadores do capitalismo, dando-lhe um novo impulso vital e econômico. (Ábalos, I. 2003, p.123)

Para Rem Koolhaas uma nova forma de vida vanguardista tinha existido nos anos trinta, em Manhattan um hotel residencial, com uma visão capitalista da comuna e tornou-se objeto de desejo da elite.

Impulsionado pelo fenómeno Warhol o loft nova-iorquino é um arquétipo da casa contemporânea, segundo uma nova forma de pensar, construir e habitar. Basicamente é um grande espaço interno, tipo casa-oficina em indústrias ou armazéns situados em lugares decadentes, com rendas baixas. Em todas o conforto individual, luxo, ordem ou intimidade é secundário para o trabalho criativo que primará individual ou coletivamente.

Perante a especulação imobiliária e o desejo das comunas ou dos artistas individualmente para se instalarem em áreas da cidade, preferencialmente do seu centro histórico, os edifícios são apropriados e o loft warholiano criado. Onde não há ordem ou vigilância, não existe programação mas no seu inverso improvisação.

"Sem dúvida a crítica à família está indissolúvelmente associada à crítica ao modelo ideológico positivista e ao seu esquema de produção-consumo. A negação da casa funcional positivista, a sua "contestação", unifica seus critérios, ainda que os pressupostos ideológicos alternativos (basicamente anarquismo, socialismo radical e freudiano-marxismo) sejam relativamente díspares. O metro quadrado com valor, é substituído pelo metro cúbico profuso e ineficiente, tanto técnica, quanto programaticamente... Somente as camas e os vasos

sanitários receberão algum tipo de fechamento, geralmente tênue; a casa será o lugar em que se aprende e se pratica o antiautoritarismo." (Ábalos, I. 2003, pp.133-134)

Frank O. Gehry em 1972 usa um barracão para projetar a casa Davis segundo os valores do loft, sem atributos espaciais, materialidade descuidada, uso de técnicas e objetos descontextualizados e um programa dada à improvisação.

A partir do loft e repensado o espaço doméstico sem qualquer propósito de funcionalista composto por um espaço generoso, que permita um estilo de vida desgarrado e libertador. Também Jean Nouvel também aplica estes princípios de espacialidade e funcionalidades imprevistas no seu projeto de habitação social para Nîmes em 1987 intitulado Nemausus.

III. RESOLUÇÃO DO CASO

3.1. INICIATIVA

Da análise do local, concluímos que para além do que poderá ser executado no espaço de terreno baldio privado, ainda há muito por fazer no espaço de domínio público. Pensamos que esta situação se mantém até aos nossos dias, desde a conclusão do Bairro da Misericórdia, por não existir qualquer intensão ou pretensão de levar a cabo um plano de intervenção na parcela de terreno baldio a sul do Bairro da Misericórdia.

A iniciativa de renovação da zona deve partir por parte do município em conjunto com entidades públicas e/ou privadas, como o fizeram aquando da expansão da cidade, na execução do Plano Diretor Municipal de Viseu, em vigor desde 1995. Porém, não se trata de uma zona agrícola que vai ser vinculada à cidade, mas sim de uma área urbana com graves problemas de relação com o meio envolvente citadino.

Para que esta parceria resulte num esforço de prestação de um serviço à comunidade é necessário, previamente que se defina os objetivos desta estratégia.

3.1.1. Objetivos e considerações

Qualquer que seja o plano estratégico de remodelação da zona influenciará o funcionamento da cidade em geral. Consideramos importante que neste trabalho académico possamos dar o nosso contributo à comunidade, e que a nossa satisfação seja redobrada com o tão desejado arranjos urbanístico para o local. Cientes que, no contexto económico que vivemos, não será fácil encontrar investidor disposto a oferecer à cidade. No entanto, quem quer que ele seja, deixará certamente um cunho na história da cidade de Viseu.

O objetivo final é servir a sociedade, sem qualquer distinção, de igual tratamento de indivíduo a indivíduo, procurando a melhoria do bem-estar físico e mental de cada um. Os agentes devem procurar reunir esforços no sentido de assegurar a acessibilidade a todos os cidadãos, indivíduos com direitos iguais.

A parceria deve logo de início estabelecer a sua ação mediante o seu interesse empresarial, bem como a sua influência. A administração pública deve reservar para si o direito legal atribuído pelo PDM de Viseu, no parecer de licenciamento de plano de pormenor ou estudo conjunto com a redução da máxima densidade habitacional do local para cerca de metade, atendendo às especificações do lugar.

O município por direito é quem gere o espaço de domínio público. A sua ação deve focalizar-se na renovação urbana que deve incluir iniciativas como: proteção de vistas para a o centro histórico, arranjo urbanístico da área circundante à capela de São Miguel, reservar faixa de 37,50 metros ao limite da Estrada da Circunvalação para equipamento, garantir a passagem ou permanência desde a zona de equipamentos até ao início da Rua Simões Dias, que também ser alvo de renovação.

3.2. PROGRAMA

O programa proposto visa a "beneficiação da zona envolvente à capela de São Miguel". Esta opção de pela centralidade tem em vista a promoção de relações sociais. Primeiramente surge a necessidade de construir uma praça central de passagem ou reunião com a beneficiação do acesso ao adro da capela. Passando pela necessária reformulação a rua Simões Dias segundo o alinhamento da rua de Gonçalinho. E por último, mas não menos importante, a construção equipamentos de apoio e edifícios de serviços, comércio e habitação.

Entende-se por equipamentos de apoio, a edificação e um estacionamento subterrâneo com capacidade para recolher os veículos de pessoas que vêm de fora da cidade e a construção de um edifício para acolher a nova junta de freguesia - União das Freguesias de Viseu e um centro de controlo de tráfego.

O conjunto do programa fica completo com possibilidade de manutenção e exploração do dito estacionamento subterrâneo e ainda a aquisição do direito de construção e venda de propriedades destinadas a comércio, serviços e habitação.

3.3. PROPOSTA URBANA

O desenho urbano que se propõem tem forte influência no capítulo anterior, pois estamos conscientes dos problemas de gestão urbana, que com menor ou maior impacto das resoluções administradas, se vai querendo resolver os problemas um pouco por toda a cidade. Objetivamente esta proposta visa a igualdade, comunidade, segurança e sustentabilidade do local, num contributo para uma cidade com melhor qualidade de vida.

Como ponto de partida elaborou-se um plano de pormenor sob um guião estratégico e orientador da intervenção.

3.3.1. Praça de São Miguel

Praça de São Miguel é o nome proposto para a nova praça aberta na frente da capela. Tal como Nuno Teotónio Pereira, executa o projeto da Igreja de Águas que Ana Tostões (s.d.) descreve da seguinte forma, "A implantação escolhida reproduz a continuidade do desenho da aldeia com as suas ruas e vielas, abrindo-se agora um «largo» como um terreiro onde à ilharga se localiza a entrada da igreja. O novo equipamento comunitário è assim trazido a fazer espaço para a coletividade, espaço livre para estar, mas também para valorizar a presença da própria igreja."

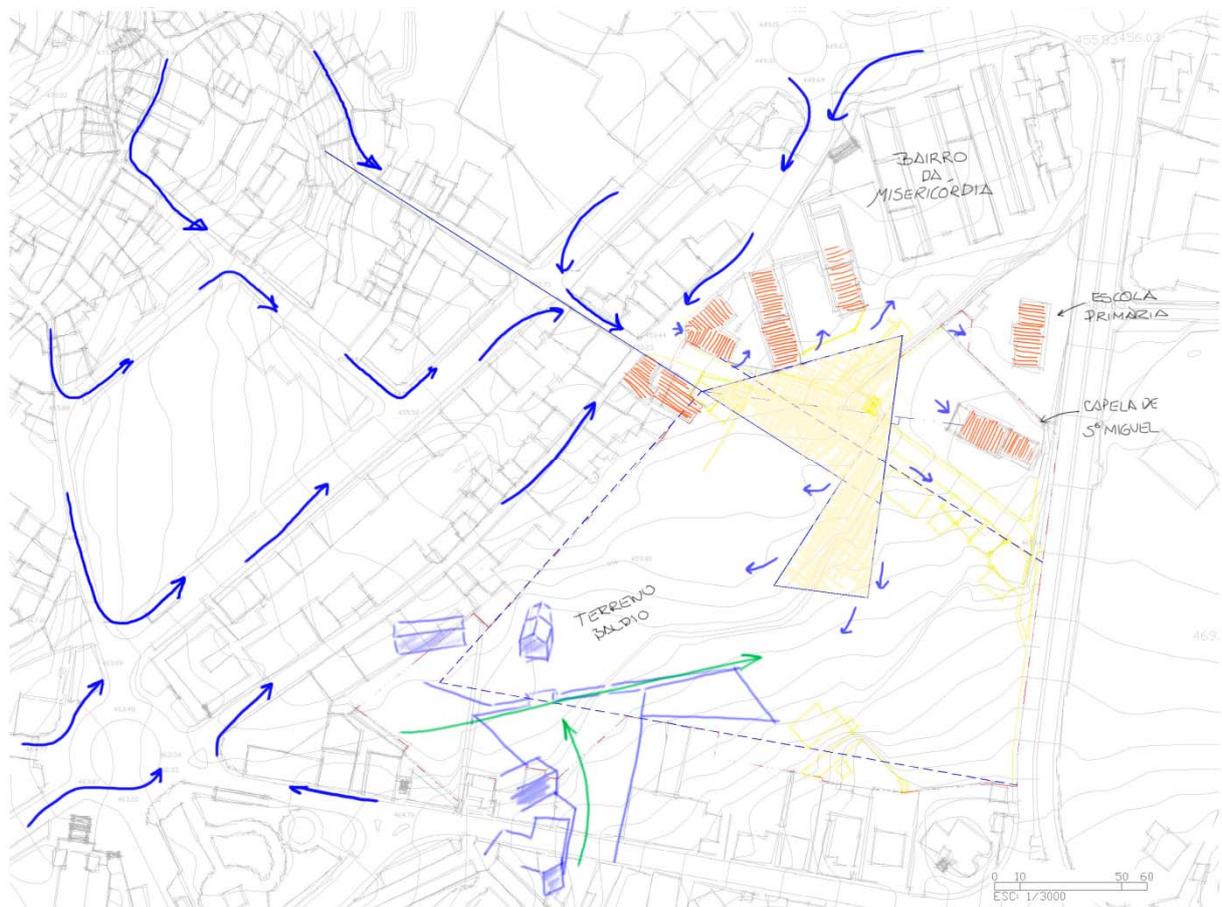


Imagem 11 - Esquicho dos eixos visuais e de abertura.

Fonte: autor

Segundo o esboço apresentado na imagem 11, o desenho da praça partiu do movimento de chegada e dispersão. Mediante o atravessamento de uma rua estreita abre-se a nova praça com dois alinhamentos laterais que prolonga o ponto de fuga temos no cimo a eixo da praça a escadas de acesso ao adro da capela, com a fachada principal, alinhada e a eixo.

Este efeito visual dá a sensação ao observador que a praça se prolonga pelo horizonte, atenuando o efeito do declive, entres as cotas altimétricas de 457 medido no início da rua Simões Dias e o plano da capela à cota 463 metros.

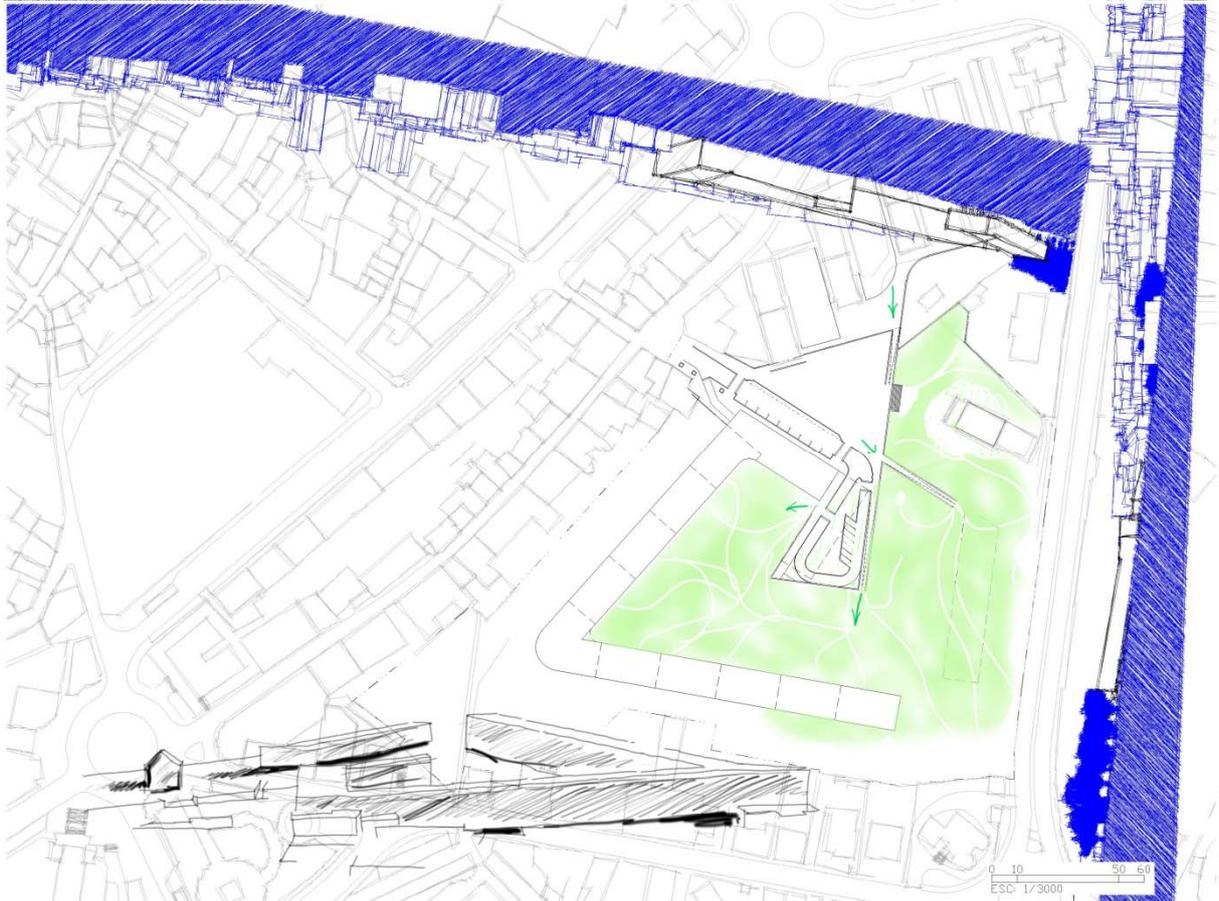


Imagem 12 - Esquício do novo alinhamento da rua Simões Dias e a nova praça

Fonte: autor

A nova praça funde-se com o desenho da rua Simões Dias, que se mantém sem saída para automóveis. A circulação viária faz-se com prioridade para o peão, que aqui tem toda a liberdade de circulação, dispõe de rampas e acessos estrategicamente colocados para permitir melhor acessibilidade.

3.3.2. Rua Simões Dias

A rua como elemento construtor da cidade, a rua Simão Dias, com esta proposta de renovação a rua assume um papel importante na caracterização do espaço. Na verdade tanto as praças, largos ou plataformas de prado verde, estão em retorno da rua. A rua de carácter de distribuidora local, não tendo continuidade para veículos automóveis. A rua foi encurtada na

sua extensão para possibilitar a manobra de inversão de marcha, foi criado um largo de inversão à cota do cimo da praça, sob o edifício de escritórios.

3.3.3. O prado e as vistas panorâmicas

No intuito de manter a imagem atual e preservar ao máximo as vistas sobre as colinas do centro histórico está salvaguardada uma faixa adjacente à Estrada de Circunvalação, conforme esquizado na imagem 12. Desde o ponto mais alto do terreno até á capela de São Miguel o espaço é convidativo à passagem e permanência graças ao tratamento dado ao terreno e as vistas preservadas naturalmente.

O prado com caminhos abertos pelos utilizadores alia a imagem à função. A imagem da cidade de Viseu está associada aos jardins decorativos e aos diversos espaços verdes no espaço urbano. cremos que é importante manter a morfologia do local, criamos uma proposta enraizada à terra, pois a base de todo o projeto é o relevo natural do terreno, onde procuramos explorar o declive do local e a exposição visual do centro histórico de Viseu. (ver imagem 13)



Imagem 13 - Sobreposição de imagem real e virtual com vista sobre o centro histórico de Viseu.

Fonte: autor

3.3.4. Quais os usos

Como se referiu a Jane Jacobs (2009) defende a ideia de que os quarteirões devem ser atrativos e possuir bons estabelecimentos comerciais e de serviços em quantidade e variedade. Da mesma forma que Le Corbusier coloca estrategicamente o comércio na Villa Radieuse, também procuramos articular o espaço público exterior com o comércio a ficar simultaneamente virado para a rua, como para o prado interior.

O edifício de escritórios é elevado sobre pilotis, para permitir a circulação automóvel e pedonal, mas também para elevar até aos quatro pisos, criando assim um ponto orientador, que é simultaneamente o prolongamento da praça e a estrada principal dos edifícios de escritórios e de comércio.



Imagem 14 - Localização de usos.

Fonte: autor



Imagem 15 - Vista do fundo da praça para o edifício de comércio e escritórios em primeiro plano.

Fonte: autor

3.3.4.1. Estacionamento coberto.

A área de intervenção, encontra-se nas proximidades de uma movimentada entrada de entrada no centro da cidade. A zona é muito procurada por condutores que vêm à cidade e que ali deixam estacionados os veículos sem ter que pagar qualquer taxa. Frequentemente durante a semana as ruas João Mendes e Simões Dias têm veículos estacionados em ambos os lados.

Também no espaço entre os blocos do Bairro da Misericórdia é local de estacionamento rotineiro de muitos trabalhadores da cidade.

Para esta proposta o estacionamento coberto (ver imagem 15) é tida como uma necessidade, dada a falta de estacionamento no local nas às proximidades do centro da cidade.

Por outro lado, esta gare visa o intercâmbio para outros meios de deslocação, nomeadamente no uso de meios ecológicos, por se encontrar próximos de bastantes equipamentos, a título de exemplo, geralmente aqueles casais que vêm trabalhar para a cidade, trazem os filhos para as instituições escolares da cidade. Além de bem servida de escolas, a Avenida Capitão Silva Pereira esta na rota de muito transportes públicos.

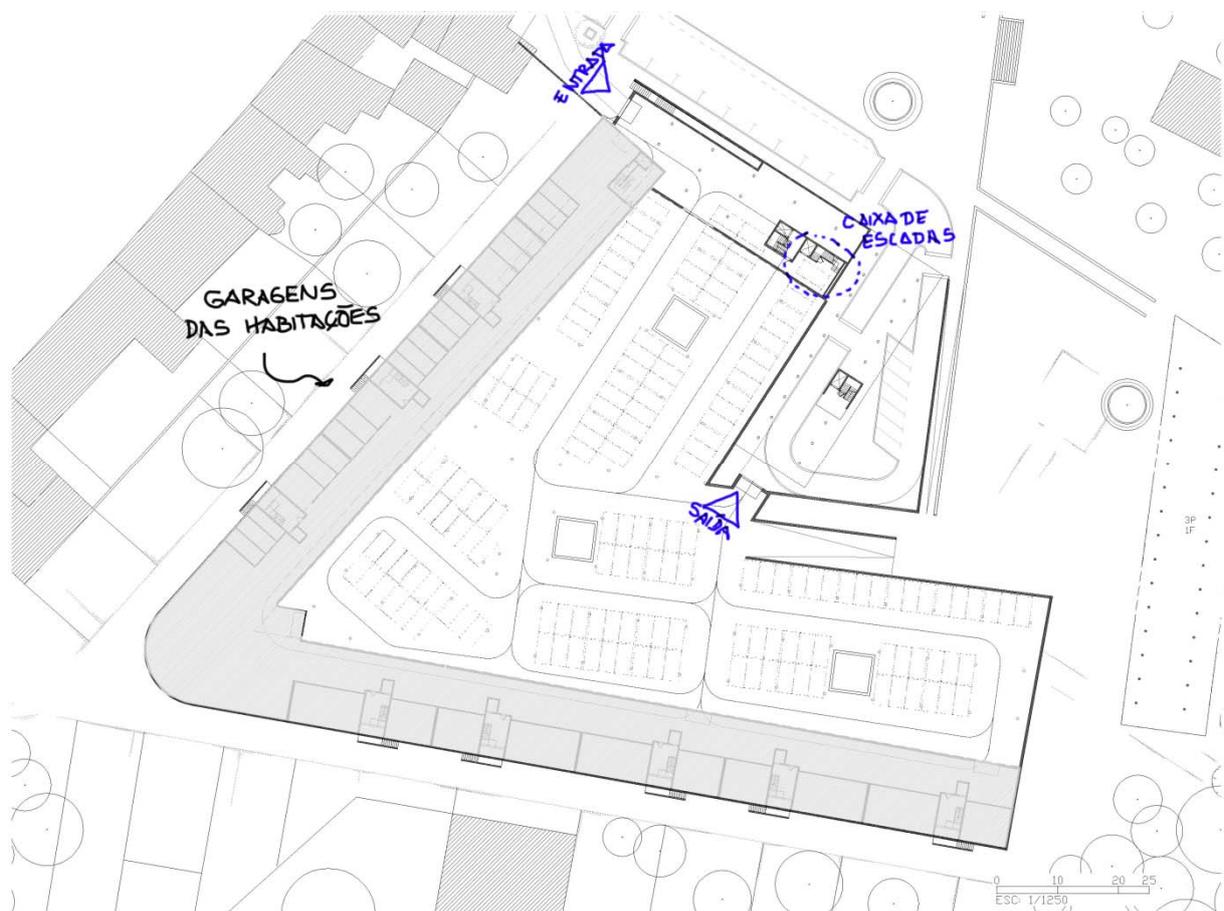


Imagem 16 - Planta da cave.

Fonte: autor

3.4. EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO

Previamente definido pelo PDM de Viseu, e tendo em consideração o impacto das construções na paisagem, os edifícios destinados a habitação têm cêrcea máxima de três pisos.

3.4.1. Caso de referência

A obra de Álvaro Siza Vieira tem ponto de partida na inspiração dos elementos específicos do lugar. Descrito por Josep Montaner (2001) tem uma linguagem racionalista, na utilização de critérios compositivos e formais, com uma sensibilidade empírica do contexto social, simplicidade material e complexidade espacial.

Em particular os blocos habitacionais do bairro Kreuzberg, em Berlim (1980-1984), são uma "boa mostra de seu método arquitetônico: decididamente empírico e atento aos dados do contexto: baseado na simplicidade de forma e elementos; propenso aos gestos do expressionismo e do organicismo; e radicalmente original em cada um dos detalhes do projecto. (Montaner, J. 2001, p.196)

3.4.2. Bloco tipo

O empreendimento habitacional é composto por 12 edifícios, sendo um destinado a escritórios e um outro que é espaço comercial no piso 0 e escritórios nos pisos superiores. Dois edifícios de habitação estão em cantos, pelo que restam oito blocos tipo, com a dimensão de 24 metros de frente e 14 metros de profundidade.



Imagem 17 - Vista da Praça interior sobre a fachada principal

Fonte: autor

O edifício apresenta-se com as fachadas construídas em bloco de tijolo maciço à cor natural, segundo um esquema métrico e ritmado de um metro entre janelas com a mesma

dimensão. A entrada comum no edifício é marcada por um rasgo pronunciado recuado, pela força do prado exterior, que transpõe o edifício pelo átrio de pé direito livre, rasgando novamente a fachada das traseiras.

Os edifícios mantêm a sua altura de cércea em relação á linha do solo, que para tal estão implantados a cotas diferentes entre todos, numa diferença de 1,17 metros. A base dos edifícios é nivelada e reforça-se a ideia pelo emprego de perfis metálicos á vista como no fecho do embasamento executado em muros de betão armado também com acabamento à vista.

As caixilharias e guardas de vão serão em alumínio natural com acabamento escovado, sem brilho e as coberturas em chapa galvanizada sobre laje de betão pré-esforçado. Todas as lajes serão pré-esforçadas, sobre estrutura porticada de viga, pilar e fundação, com a exceção dos lajes de escadas e de patamar, no átrios dos blocos.

3.4.1.2. Área comum

Os átrios (ver imagem 17) são vazados de pé direito livre, ladeados de alvenarias de tijolo maciço, com fachadas de vidro nos topos. Com caixa de elevador e escadaria aberta em betão rebocada pintada na cor banca, bem como as alvenarias dos átrios de entrada dos apartamentos.



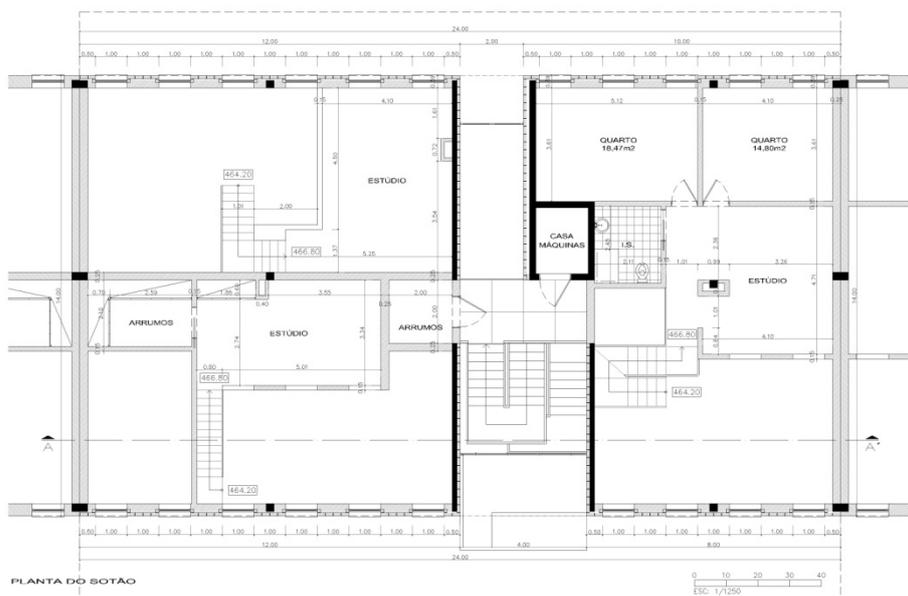
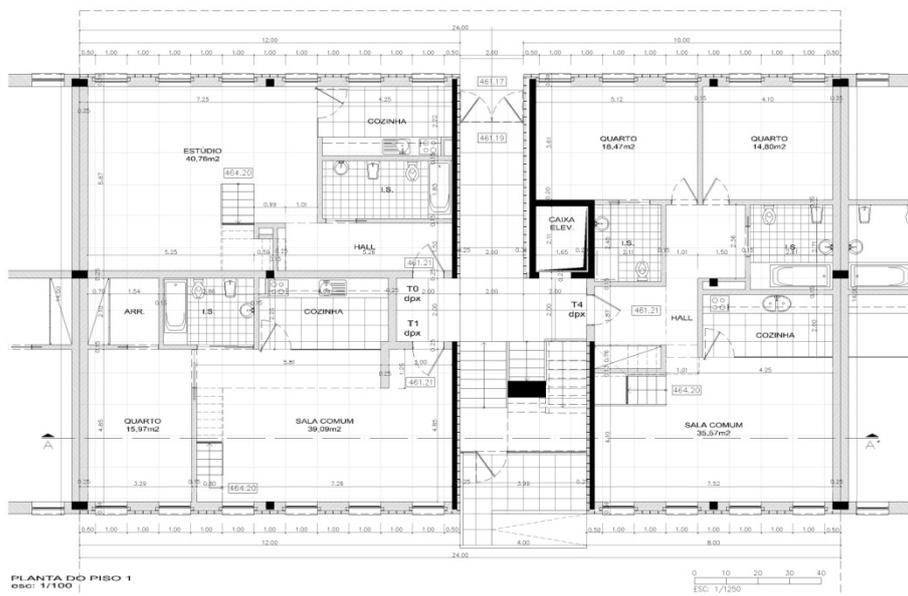
Imagem 18 - Cortes perspetivados do átrio de entrada dos blocos habitacionais.

Fonte: autor

3.4.1.3. Área privativa

O desenho dos espaços interiores dos apartamentos tiveram inspiração nos modelos de espaço aberto, vulgarmente designados, por "open-space". Mais concretamente os modelos atrás descritos como a "factory" e o "loft".

De decoração simples com técnicas e materiais tradicionais, como o reboco sob pintura com tinta da cor branca, em paredes e tetos, e pavimentos em tijoleira cerâmica cinza. Os espaços não foram só previstos apenas sob a ordem das questões de habitabilidade e acessibilidade, mas também em função de outros usos, apelando estes espaços à imaginação.



IV. CONCLUSÃO

O estudo efetuado teve como finalidade renovar um espaço vazio urbano em Viseu, com grandes qualidades arquitetónicas, um pouco esquecido, mal utilizado e com má acessibilidade, mas não menos valorizável pela população visense, tendo uma capela, escola e mesmo nas proximidades o centro histórico como meio envolvente.

Ao longo deste estudo pretendemos dar resposta ao problema que nos foi inicialmente proposto, com a consciência de estar apenas a promover uma das possíveis renovações urbanas, nesta perspetiva, não pretendemos agora dar por finalizado o percurso, como quem chegou ao fim, mas apenas lembrar o caminho percorrido por ter chegado ao fim do princípio, visto a cidade estar em constante evolução.

Viseu, não muito diferente das outras cidades, é uma cidade em crescente desenvolvimento, evoluiu como Leonardo Benevolo (s.d) descreve na caracterização do desenvolvimento de uma cidade, tendo passado pelas cinco fases da história, como o autor identifica., o cultivo de géneros e fixação de pequenos aglomerados, formação da civilização urbana, diferenciação de classes, a revolução comercial e por fim a revolução industrial.

Do estudo realizado é importante salientar alguns aspetos, tais como:

- A importância da introdução de novos princípios no design, por forma a construir a cidade inclusiva, já enunciava por Julienm Hanson (s.d), com condições de acessibilidade para todos, sem qualquer distinção.
- Renovação urbana não é apenas uma opção estética, a elevação do edifício para o tornar mais visível, com a construção do bloco sobre pilotis, mas também funcional. Le Corbusier (s.d) acreditará que concebendo o edifício aberto ao nível do solo, onde permitiria a circulação livre de pedestre ou a permanência de pessoas, estaria assim a promover as relações sociais.
- A habitação não deverá ter um mero sentido de habitar, mas sim atingir a plenitude do ser, como descrito por Heidegger (s.d) na caracterização da casa existencialista.
- Renovar na modernidade é valorizar a forma de habitar, sendo esta direcionada para um indivíduo livre e criativo, podendo ter ou não algumas limitações físicas e ou emocionais.
- O arquiteto, metaforicamente no teatro, é o encenador. Tem que organizar o teatro sabendo articular, não apenas os papéis dos atores- a sociedade, mas também o palco- meio envolvente e os figurantes- as regulamentações em vigor, mas o seu todo, a fim de agradar o público alvo. “Porém quando Heidegger falava do «ser», não se referia exclusivamente ao «homem», e quando falava de «espaço» se referia a algo mais geral do que o espaço que temos «à mão» e

«ante olhos». Insistiu na dignidade da existência do Homem sobre a terra, o «ser mundo», que se realiza no lugar do habitar” (Montaner, J.2001, pp. 64-65).

- O resultado é o arranjo do vazio, que sob a mesma imagem morfológica, é retribuída à cidade, dando continuidade ao projeto inacabado do bairro da misericórdia e o merecido escadório e adro da capela.

A mais -valia para a concretização deste estudo, foi a localização da proposta de estudo ser inserido na Cidade de Viseu, na mesma cidade da escola, que nos possibilitou sempre que necessário a sua visita para esclarecimento e mesmo ensaio da solução a propor, de modo a obter a resposta mais adequada.

Foi bastante gratificante compartilhar, o percurso deste trabalho, com o Professor Doutor António da Silva Ferreira e o com o Professor Doutor Gonçalo de Sousa Byrne, pelo seu currículo e experiência invejável nesta área e não só, onde foi possível a realização deste estudo. Fez também, refletir a importância de formar associação de arquitetos e não apenas um único arquiteto. Os projetos devem ser para a sociedade e não para o ego do arquiteto, claro que a junção dois é «a cereja em cima do bolo». Atualmente, não se deve fazer qualquer projeto para o arquiteto ser conhecido como tal.

Viseu é uma cidade de intervenção com grande viabilidade futura para os arquitetos.

A maior dificuldade e ao mesmo tempo o maior desafio e motivação neste trabalho, foi responder às questões da gestão urbana, atendendo às necessidades do local e da sociedade em causa, assim como a realização de tipologias modernas capazes de dar resposta ao individualismo, atualmente cada vez mais presente.

O arquiteto perante uma proposta, conjuntamente com o conhecimento e experiência de outros, deve:

Saber identificar;

Saber pensar;

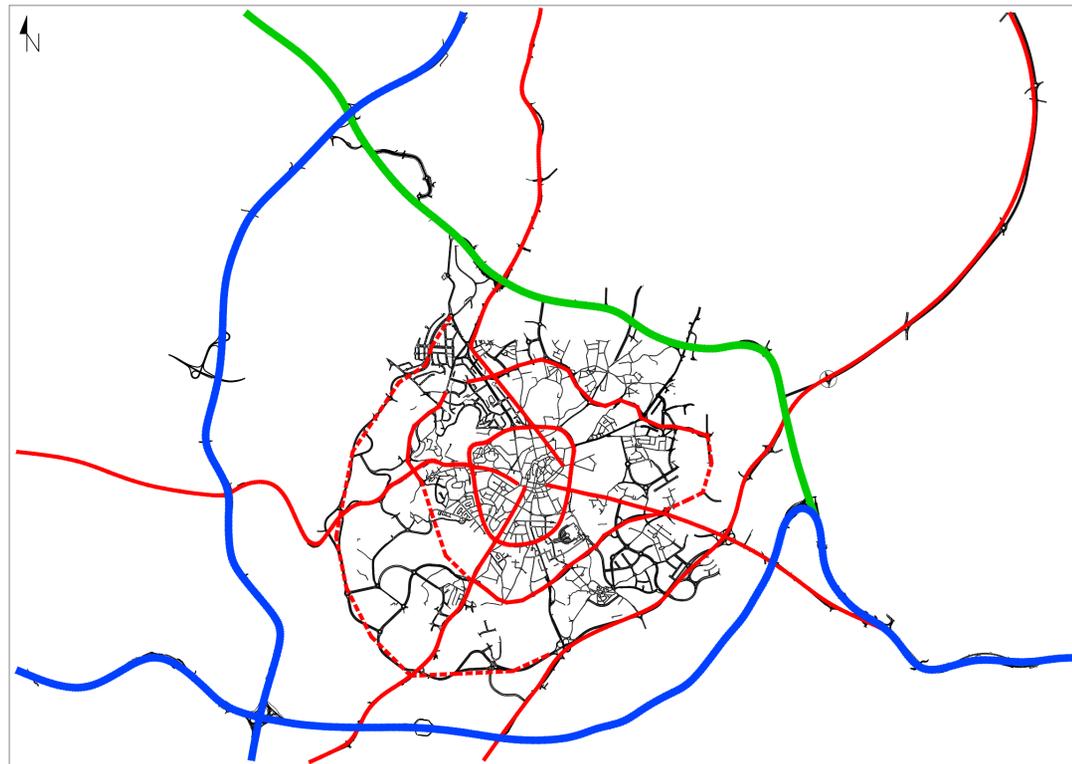
Saber construir e

Saber habitar, como se fosse para si próprio.

Finalmente, não podemos deixar de referir o quanto foi importante para nós a realização deste estudo e a aprendizagem efetuada ao longo de todo o seu percurso.

BIBLIOGRAFIA

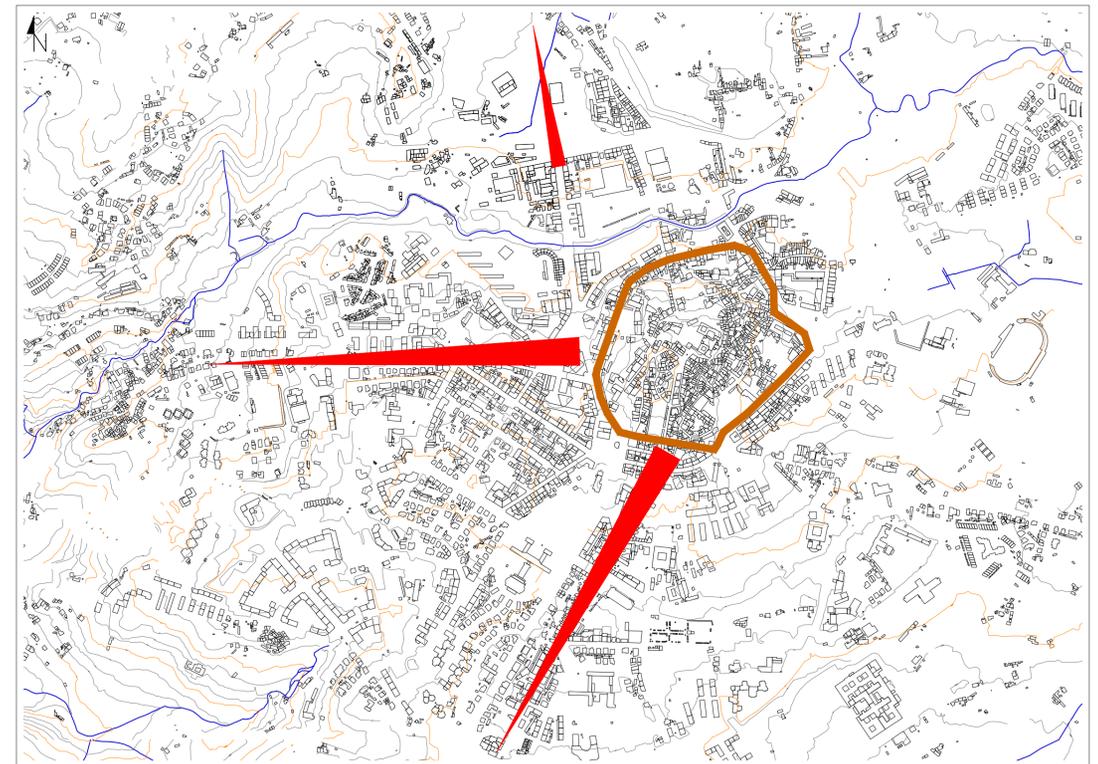
- ÁBALOS, I. 2003. A boa-vida. Visita guiada às casas da modernidade. Barcelona, Editora Gustavo Gil.
- ASCHER, F. 2010. Novos Princípios do Urbanismo, seguido de Novos Compromissos Urbanos. Lisboa, Livros Horizonte.
- BENEVOLO, L. s.d. A Cidade e o Arquitecto, Edições 70.
- BRANDÃO, P. 2011. O Sentido da Cidade. Lisboa, Livros Horizonte.
- FREITAG, M. 2004. Arquitectura e Sociedade. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- FORTUNA, C. 2008. Imaginando a democracidade do passado da sociologia para o futuro das cidades, Faculdade de economia, CES- Núcleo de estudos sobre Cidades e Culturas Urbanas, Universidade de Coimbra.
- HANSON s.d J. "The Inclusive City: delivering a more acessible urban environment thought inclusive design".
- JACOBS, J. 2009. Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo, WMF Martins Fontes.
- MONTANER, J. 2001. Depois do Movimento Moderno Arquitectura da segunda metade do século XX, Editorial Gostavo Gil.
- PANERAI, P. 2005. Urban forms: the death and life of the urban block.
et all. Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira



PLANTA DE VIAS s/esc

— AUTO-ESTRADA — ITENERÁRIO PRINCIPAL — VIA MUNICIPAL (DISTRIBUIÇÃO) — VIA MUNICIPAL 4° (LOCAL)

A cidade de Viseu é morfológicamente radial e a na sua imagem paisagista apresenta-se segundo uma matiz bem defenida, tal como os seus corredores quer de fronteira como de ligação. A zona da beira está servida pelas autoestradas A25, 24 e 29 (esta última não visível no mapa), e pelas antigas IP's 3 e 5. As vias nacinais e municipais principais encontram-se no cento da cidade. Por meios de canalização de transitio a cidade está dotada de circulares e encontra-se em execução a terceira.



PLANTA DO EDIFICADO esc:1/10000

— CENTRO HISTÓRICO — CURSO DE ÁGUA — EXPANSÃO URBANA

É notória a densidade habitacional no centro histórico da cidade de Viseu, como também o é na área de expansão nas suas dimensões, posição e orientação. A expansão da cidade está mais enraizada nas vertentes sul e oeste, onde justamente a exposição solar é a melhor, sul e poente. A área de intervenção localiza-se a nascente com orientação da vertente para norte, com declive na ordem dos 4%.



PLANTA FRENTES URBANAS esc:1/2000

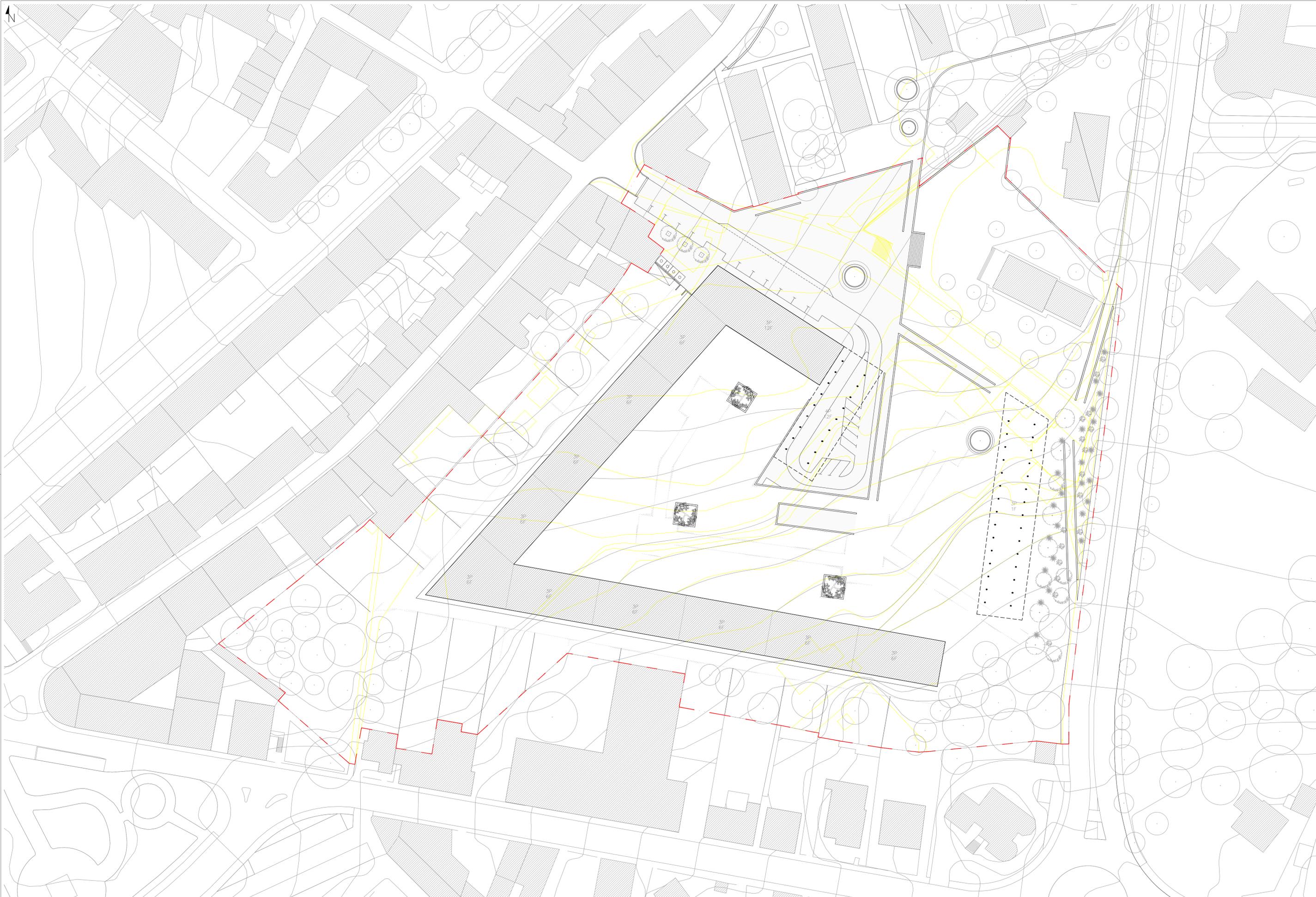
— FRENTES URBANAS CONSOLIDADAS — SEM FRENTES (NÃO EXISTE DELIMITAÇÃO OU FECHO DO QUARTEIRÃO)

Na área de análise é possível defeni dois espaços vazios, sem qualquer caracterização mas com muitas aptidões. São parcelas de uso agrícola embora que a poente da Avenida Capitão Silva Pereira, parte da área é estacionamento público. Já nas trazeiras do edificado das ruas João Mendes e 5 de Outubro, o terreno existente não está a ser rentabilizado de nenhuma forma, e as suas frentes estão bastante indefenidas.



SOBREPOSIÇÃO: PLANTA E VISTA AÉREA esc:1/2000

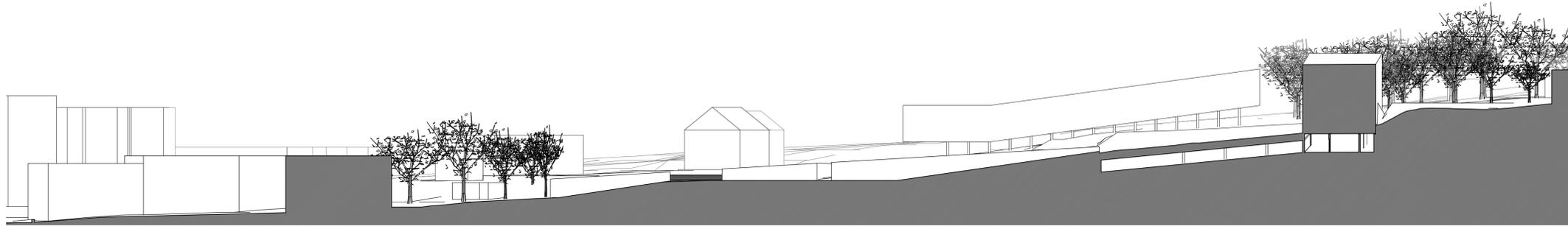
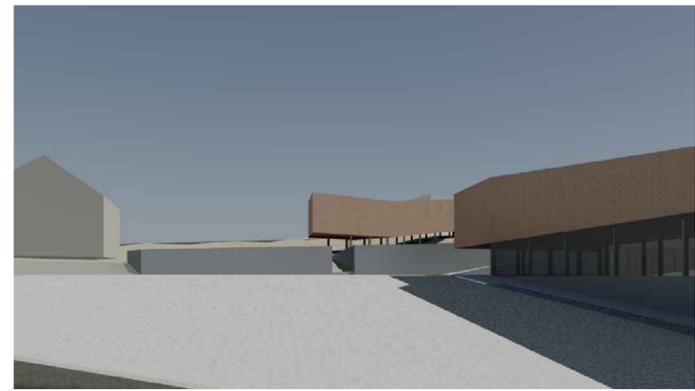
Poder-se-á dizer que Viseu é uma cidade jardim. Para os residentes ou para quem a visita fica logo a par da identidade da cidade de Viseu. O local que nos propomos a ordenar e a incluir na restante malha com as necessárias acessibilidades de caracter incluso, apresenta-se com bons argumentos para essa tarefa. Com excelentes vistas para a colina da Sé, e boa exposição solar são argumentos de sobra para a rentabilização daquele espaço vazio. Apesar de ser um local esquecido pela comunidade, está a um passo do melhor equipamento colectivo de Viseu, o Parque do Fontelo e insere-se na primeira circular da cidade, portanto sem fronteiras ou delimitações.



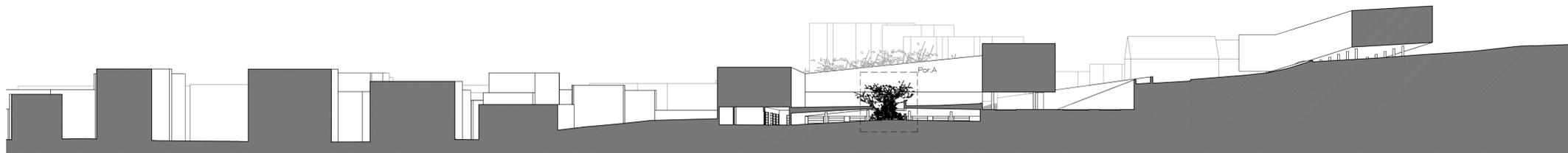
PLANTA DO PROPOSTO esc:1/500

- - EXISTENTE A DEMOLIR
- POLIGONO DE IMPLANTAÇÃO
- ARVOREDO EXISTENTE
- LAGERSTROEMIA INDICA
- ACER PSEUDOPLATANUS
- ARBUSTUS UNEDO
- GIESTA-DAS-CEBES
- ESTEVINHA
- LIMITE DA INTERVENÇÃO (A=32389,23m2)

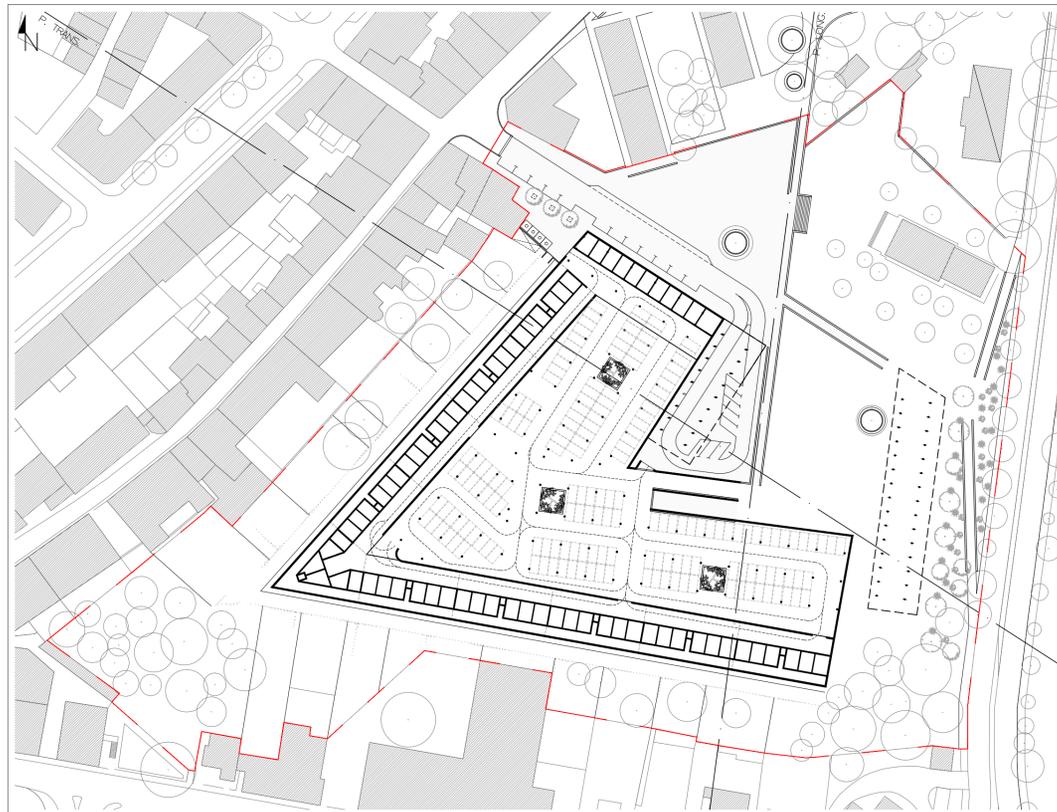
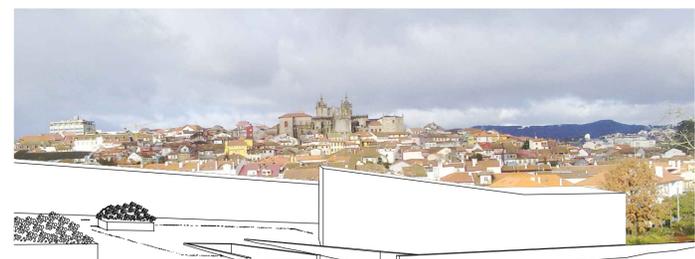
INDICE UTILIZAÇÃO 50,19%
DENSIDADE HABITACIONAL 26F/h



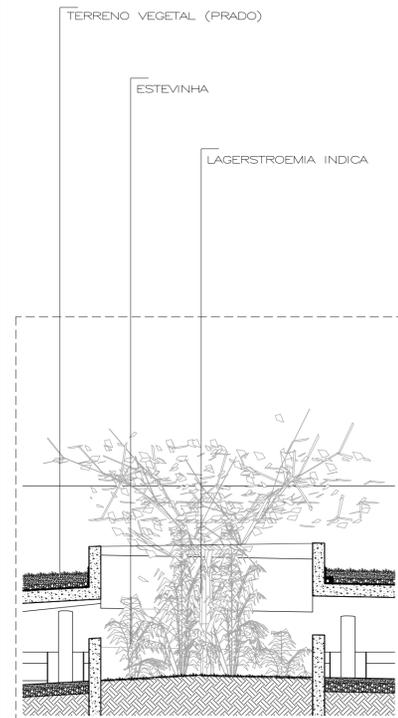
PERFIL LONGITUDINAL esc:1/500



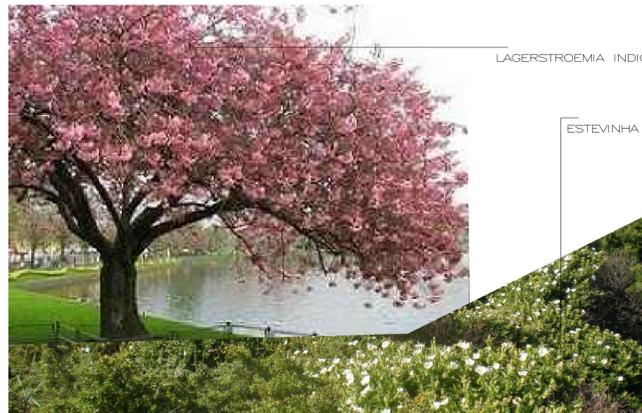
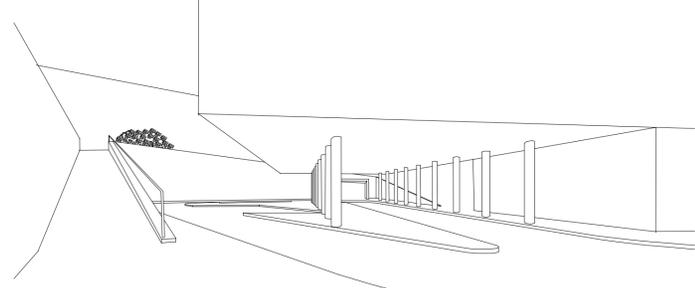
PERFIL TRANSVERSAL esc:1/500



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO esc:1/1000



PORMENOR A esc:1/100



LAGERSTROEMIA INDICA

ESTEVINHA

- - ARVOREDO EXISTENTE
- - LAGERSTROEMIA INDICA
- - ACER PSEUDOPLATANUS
- - ARBUSTUS UNEDO
- - GIESTA-DAS-CEBES
- - ESTEVINHA

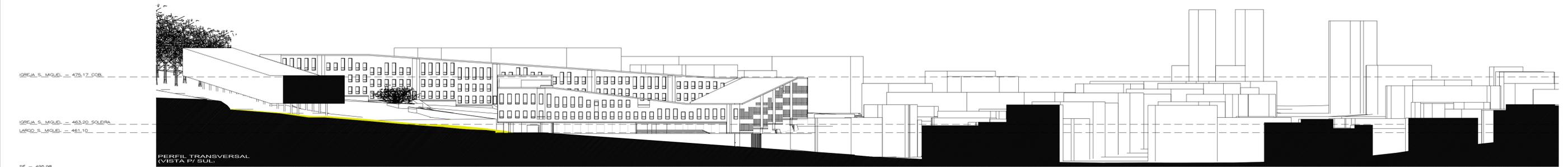


PLANTA DE IMPLANTAÇÃO (PISO 0)
esc: 1/500

— EXISTENTE A DEMOLIR - - - LIMITE DA INTERVENÇÃO (A=32389,23m²)

ÍNDICE UTILIZAÇÃO 50,19%
DENSIDADE HABITACIONAL 26F/h

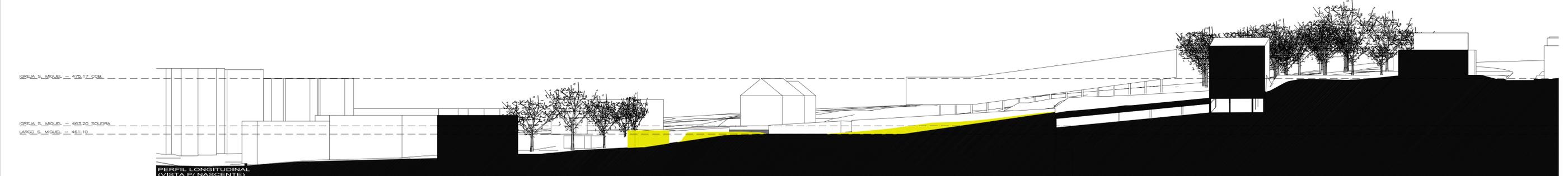
SE - 495,98



GRUA S. MOEL. — 425,17_DCB
GRUA S. MOEL. — 463,70_SOLEIRA
LARGO S. MOEL. — 481,19

PERFIL TRANSVERSAL
(VISTA P/ SUL)

SE - 495,98



GRUA S. MOEL. — 425,17_DCB
GRUA S. MOEL. — 463,70_SOLEIRA
LARGO S. MOEL. — 481,19

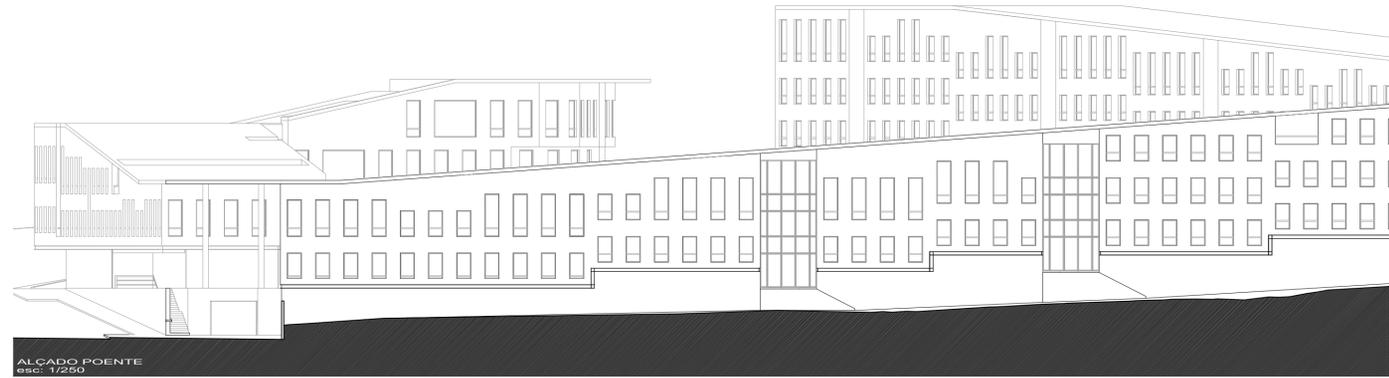
PERFIL LONGITUDINAL
(VISTA P/ NASCENTE)



PLANTA DO PISO 0
esc: 1/250



ALÇADO NORTE
esc: 1/250



ALÇADO POENTE
esc: 1/250



ALÇADO NASCENTE
esc: 1/250



CORTE TRANSVERSAL
esc: 1/250





http://www.architectos-3.com.br/obra/obra-28427



http://www.escoplae.com.br/obras/obras-232/11_SCHULDESMAN_05.jpg



http://www.fotostock.com.br/imagens/imagens-232/03503150.jpg



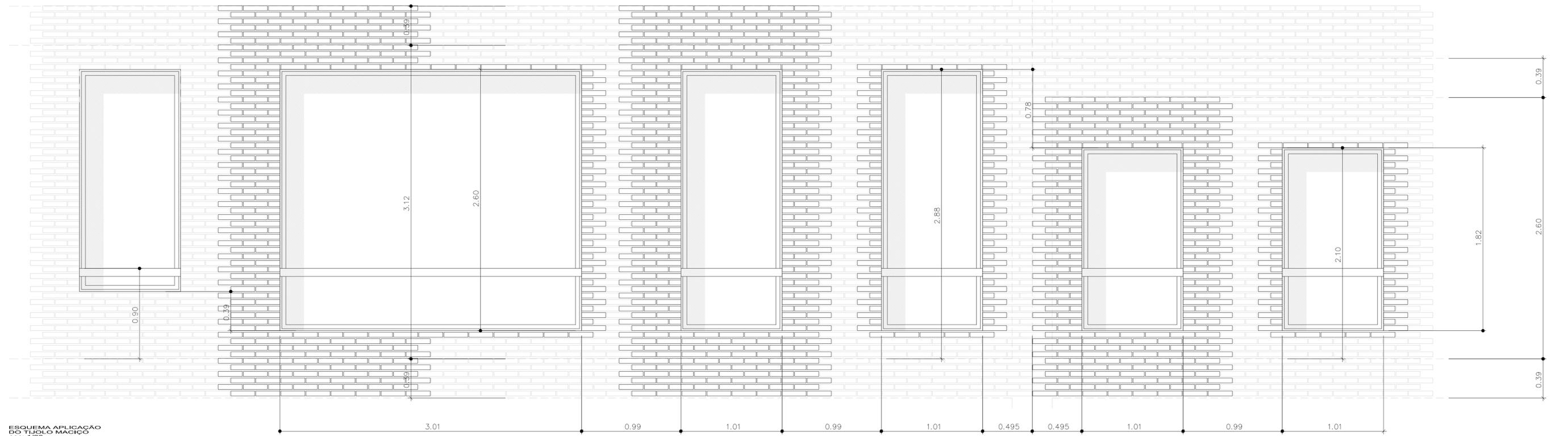
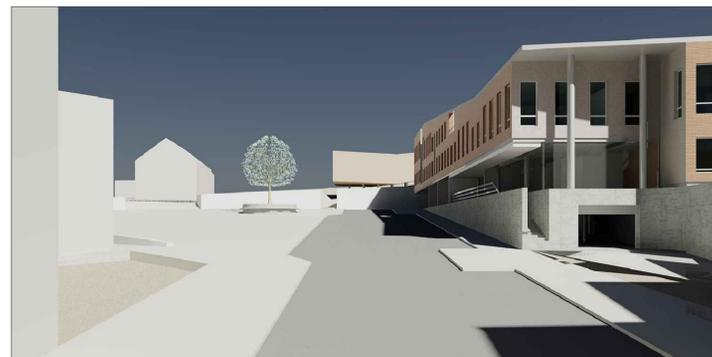
RESTAURANTE C/ESPLANADA

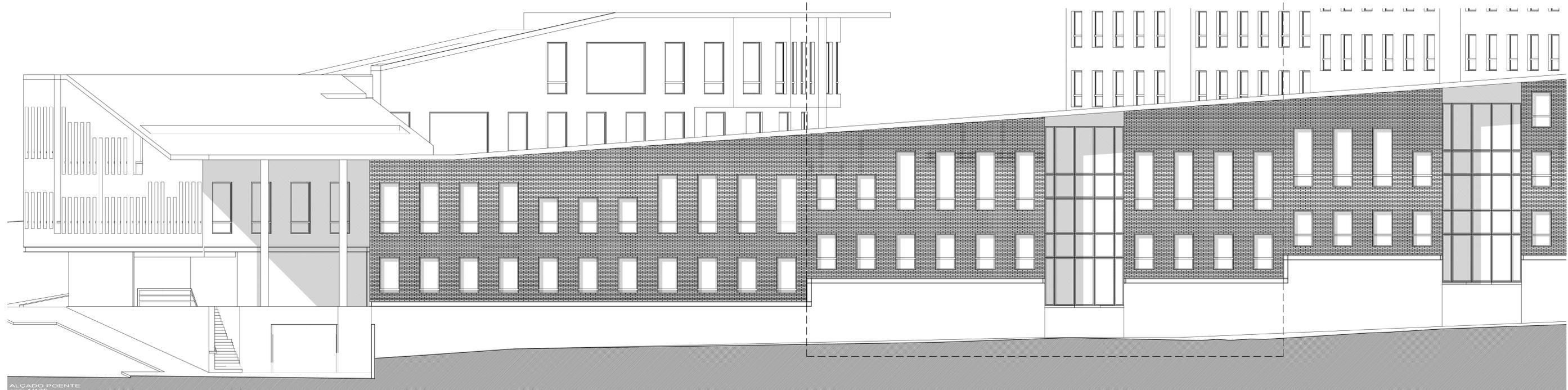
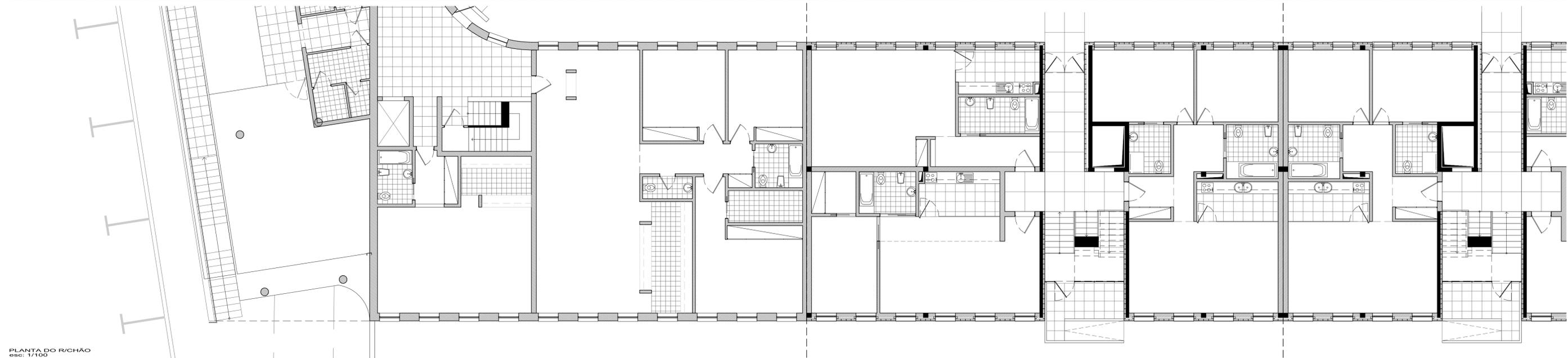
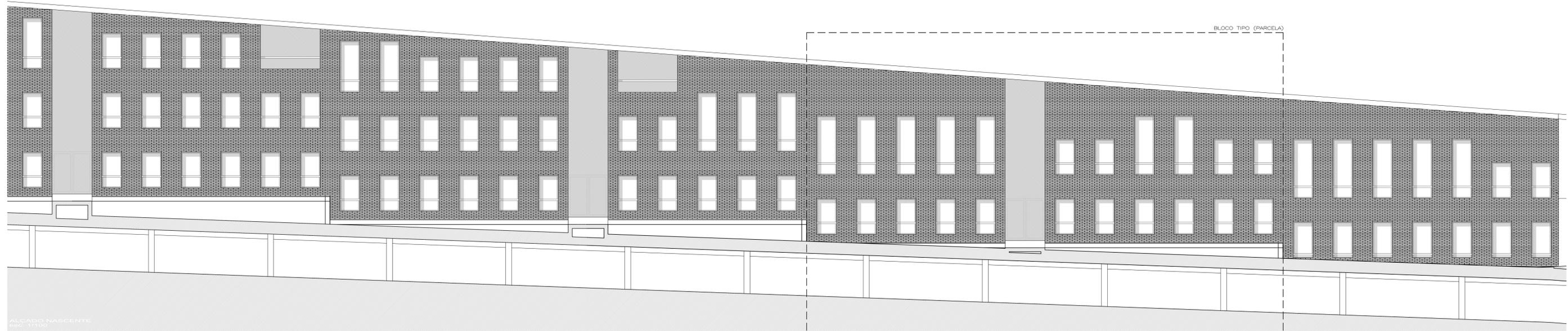
HABITAÇÃO (T0; T1; T2 E T3)

ESPAÇO COMERCIAL



http://referencia.blocspot.pl/2009_09_01_archive.html



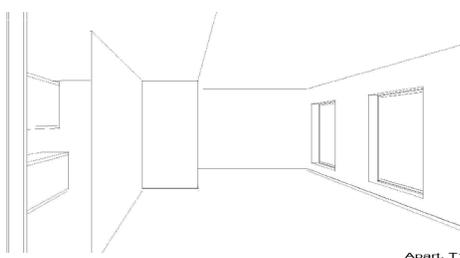


ALÇADO NASCENTE
esc: 1/100

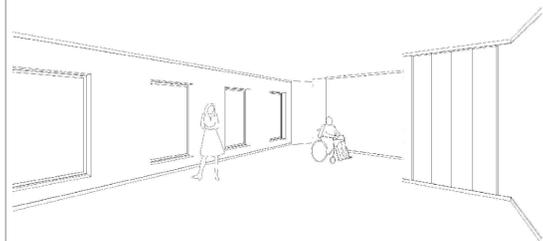
ALÇADO POENTE
esc: 1/100



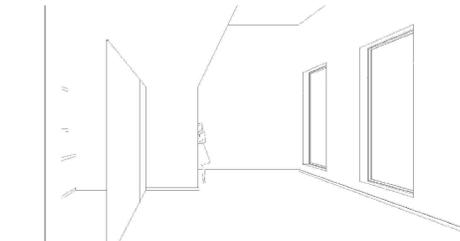
Apart. T0



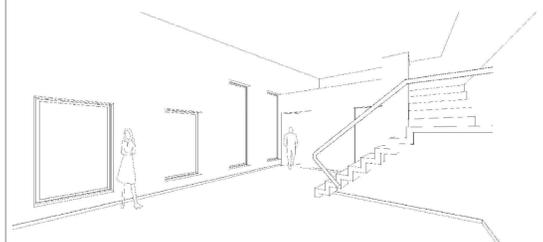
Apart. T1



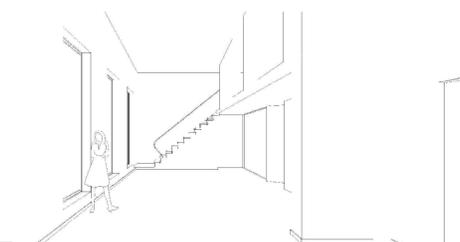
Apart. T0



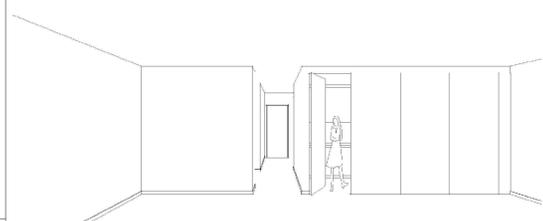
Apart. T1 duplex



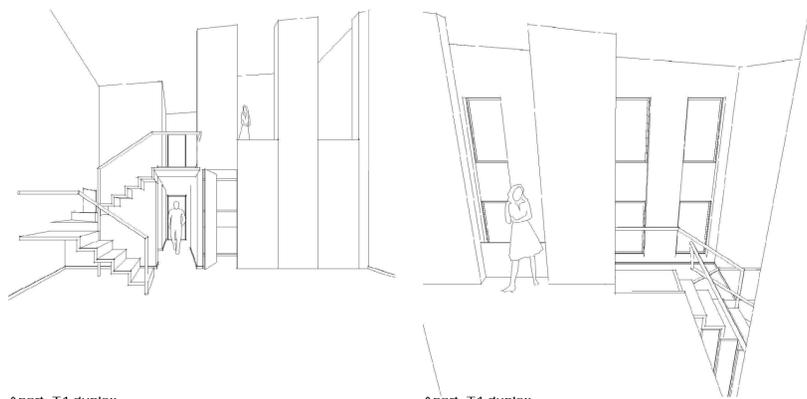
Apart. T0 duplex



Apart. T1 duplex

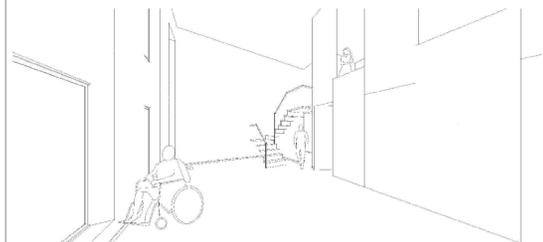


Apart. T2

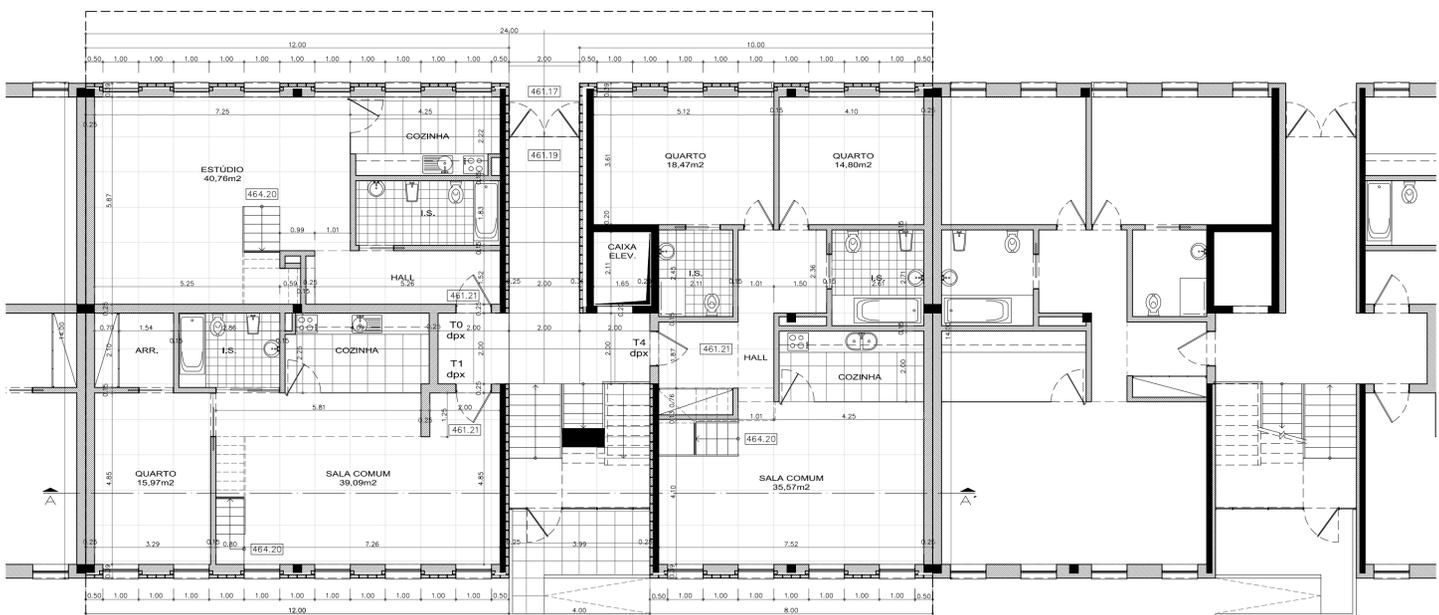


Apart. T4 duplex

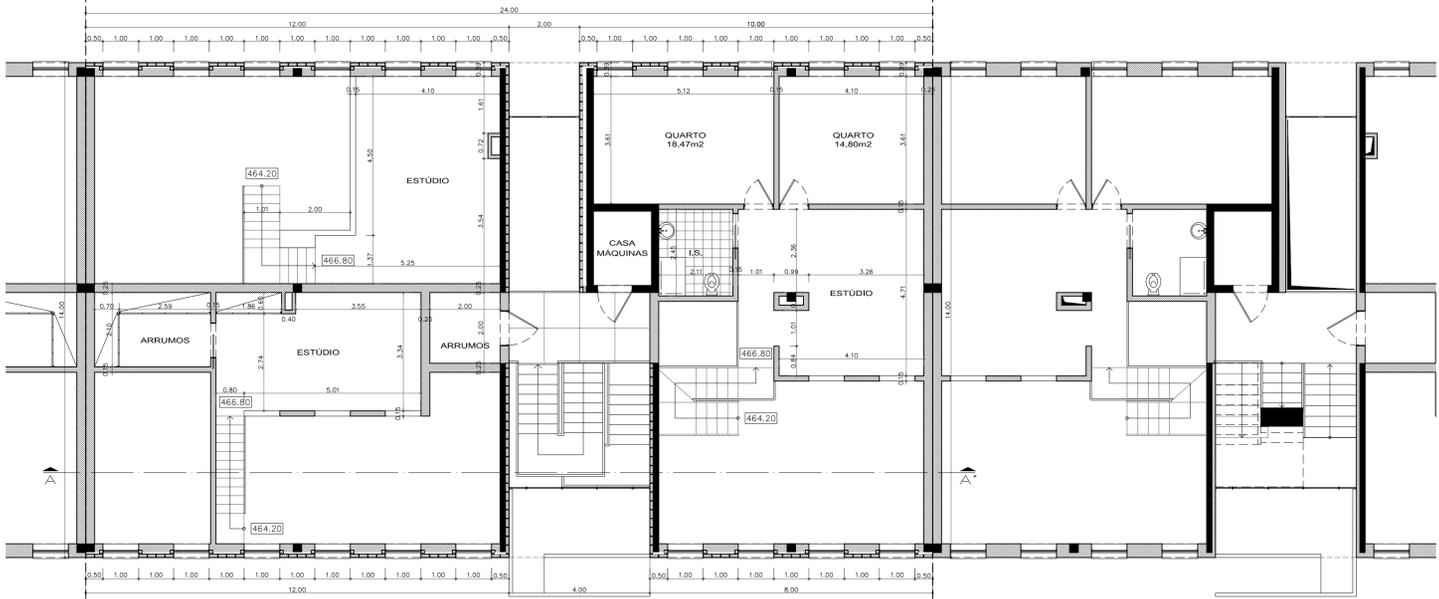
Apart. T4 duplex



Apart. T4 duplex



PLANTA DO PISO 1
esc: 1/100



PLANTA DO SOTÃO
esc: 1/100



CORTE AA
esc: 1/100